

**COROÇÃO DA VIRTUDE**

OU

**A INDEPENDENCIA DO BRAZIL,**

DRAMA EM CINCO ACTOS

POR

**ANTONIO JOAQUIM LEME:**



**S. PAULO.**

Typ. LITTERARIA.—Rua do Imperador n. 12.

—  
1860.

## AOS LEITORES.

Por certo, senhores, que incapaz é a nossa penna de pintar com vivas côres, o entusiasmo que sentimos, todos nós os Brasileiros patriotas, ao rememarmos feitos de tão elevado predicamento, como aquelles que vierão rasgar esse véo tenebroso que ennuveava a memoria de nossos pais; e abrilhantar as paginas da nossa historia patria!

Um dia, pela Providencia Divina, é sempre designado, em que deve resplandecer a verdade e o justo, que n'um momento espancando as trévas com seus raios brilhantes faz esquecer-se a negridão do crime, que com o almejar satânico sepultou-se para sempre ao leve sôpro da virtude.

O poder tyrannico tombou e fugio ao raiar da aurora da liberdade.

Na mais bella parte da America, onde vagavão livres e innocentes os filhos dos desertos, gozando delicias do paraizo celestial, onde a natureza, grata á pureza de seus habitantes ostentava todo o seu esplendor e magestade; serpenteando aqui e ali os mais profundos e caudalosos rios, que garbosos mostravão a Omnipotencia do Creator, aos selvagens, ainda não contaminados pelo vicio da ambição e do crime, que innocentes brincavão nas mais cerradas mattas, onde medonhas crateras arrojando lavas ardentes e por vezes rebentando fragorosas com

estampido aterrador os fazião recolherem-se á suas solitarias cabanas clamando por Tupan ; como o bulcão da tempestade pairando ameaçadôra nos ares, poisou o filho da velha Europa, recebido pelos selvagens como um semideus que lhes trazia as verdades desconhecidas ; perfido ! trazia-lhes sim, mas envolvidas com o veneno, occultando sob o sorriso fraternal o ferrão feróz, sob as vestes da civilização a corrente do captiveiro, o punhal assassino !....

Apresentamo-vos, Leitores, esta pequena obra, prevenindo-vos já, que longe de ter nascido da habili-dade, é antes filha da vontade. Uma narração descarnada sob o mal empregado titulo de—drama. Perdão ! se tanto ousamos, verdade é, que de má arvore não póde nascer bom fructo, apresentamol-a confiando em vossa generosidade, recebêl-a-heis não como um titulo de gloria para o obscuro autor, mas como um signal do patriotismo, sentimento commum a todos nós os Brasileiros. Remontando aos tempos coloniaes, aproximamo-nos ao feito mais importante da nossa historia gloriosa, da regeneração do nosso paiz, que até então pizado e calcado aos pés pela tyrannia, sacóde o jugo do senhor, e apresenta-se entre as nacionalidades, como um estado livre e independente, legando a seus filhos um nome de honra e de gloria !

Exfôrçando-me por pintar-vos os costumes dos pas-sados naturaes d'esta bella cidade, ainda que em um ligeiro esboço, por mais não ser-me possivel, quiz render um culto de respeito e admiração ao altar onde se realisou alfim a alta esperanza de tantos heróes, de nossos pais ; á gloria que sempre ornou a frente dos Paulistas, e aos prodigios de valor, que constantes mostrarão nos maiores apertos !...

*O AUTOR.*

## DEDICATORIA.

À

## CIDADE DE BRAGANÇA.

*Em signal de reconhecimento e amizade, dedico  
ao povo Bragantino, esta producção ainda que mes-  
quinha e obscura, mas testemunha de minha gratidão  
à estima e consideração que me consagra.*

A. LEME.



## PERSONAGENS.



GONÇALO DE MOURA . . . . .	50 annos.
D. MARIA, sua esposa. . . . .	40 ditos.
ALFONSO DE MOURA, seu filho . . . . .	22 ditos.
GUILHERMINA, sobrinha de D. Maria. . . . .	15 ditos.
FR. IGNACIO, Carmelita, irmão de D. Maria . . . . .	35 ditos.
SOPHIA, domestica . . . . .	30 ditos.
SIMÃO, dito . . . . .	Idoso.
ALBERTO. . . . .	25 annos.
DR. CERANTY, medico . . . . .	50 ditos.
FERNANDO, official de justiça . . . . .	30 ditos.
ALEXANDRE VASIO, carcereiro . . . . .	Idoso.

Soldados que entrão &c.

As scenas passão-se na cidade de S. Paulo de 1816 a 1822.

---

## DIVISÃO EM ACTOS.

- Acto I.—A PARTIDA.
- Acto II.—AMOR e PRISÃO.
- Acto III.—O CARCERE e a MORTE.
- Acto IV.—A SOMBRA.
- Acto V.—O BRADO DA INDEPENDENCIA.

## ERRATAS.

Na 1.<sup>a</sup> Parte.—**As Leituras.**—

Pag. 2.<sup>a</sup> lin. 3.<sup>a</sup>—ameaçadora—será—ameaçador

N.<sup>o</sup>—**DRAMA**—

Pag. lin.

- 32— 9—se um fiel—será—se meu fiel  
id.—12—do luto—dito—de luto  
id.—16—encontrada—dito—concentrada  
37— 8—ouve-se ao longe um trovão—será extrahido  
51—19—mortalidade—será—immortalidade  
52—18—mas eu leio—dito—mais eu leio  
id.—33—é mais desgraçado—dito—é mais que desgraçado  
55—24—arreatad.—dito—arreatado  
id.—ult.—o que desejava—dito—que eu desejava  
58— 6—transformar—dito—transformas  
60—12—pungue—dito—punge  
id.—penult.—que fosse—dito—que o fosse  
61—18—roxa—dito—rosca  
64—ult.—maldigais—dito—maldizei  
67—13—desmontado—desmoutado  
69— 3—sublime—dito—é sublime  
72— 3—indo à grade—indo a grade o voltando  
81— 3—meu esposo viveremos—dito—meu esposo ; viveremos  
90—14—eu mesmo—dito—eu mesma  
91— 1—que pela mão de Deus—dito—que ? pela mão de Deus  
93—penult.—o fragor do raio—dito—o fragor do um raio  
97— 3—Missionario Divino—dito—o Missionario Divino  
id.— 9—Buonaparte—dito—Buenaparte  
id.—13—já preciso ir-me—dito—já preciso ir-me  
id.—14—muitos affaseres—dito—muita coisa a faser  
id.—29—reclamação—dito—acclamação  
101—12—Fr. Ignacio chegando à janela—dito—chegando a janela  
102—11—resultou um—dito—resultou o  
113—17—Ouvi-me com soccego...—dito—Ouvi-me com soccego  
116— 1—Guilhermina—dito—Fr. Ignacio

---

## PRIMEIRO ACTO.

### A PARTIDA.

---

O Theatro representa a sala principal de uma casa abastada na cidade—com portas lateraes e uma no fundo, com duas janellas que deitão para a rua. Na sala mobilhada a gosto da época, haverá uma mesa, em cima da qual—um tinteiro, campainha, livros e um chapéo. E' dia.

### SCENA I.

GONÇALO—*sentado com uma carta aberta na mão.*

Depois de tanto a despeito dos males chegou para mim um momento de summa alegria, tão bello; se alguma vez em meu correr da vida tenho sentido um grande prazer, é sem duvida o de hoje,—(*passeando*) sim, é mister que o homem padeça para gozar; quanto maior é a pena maior se torna o gôzo, ninguém avalia a vida, como o moribundo ou o homem condemnado a perdê-la... a liberdade, como o prisioneiro!—(*tocando a campainha*).

SIMÃO—*mal percebido no limiar de uma porta lateral.*

Senhor.

GONÇALO.

Dize a Bernardo que apparelhe as bestas.

SIMÃO—*sempre na porta.*

Sim. Senhor.

GONÇALO—*pensativo.*

Quero partir hoje mesmo, ainda é cedo. (*Sahe*).

## SCENA II.

GUILHERMINA.

Meu tio? (*chamando*). Oh! não está aqui! (*mudando de tom*). E elle está de hontem para cá ficando mais tratavel e brando, é extraordinario.... homem tão grave e sempre meditabundo, poucas vezes no dia falla comigo: verdade é que não sou sua filha, já muito tem elle feito em meu beneficio; amparado na orphandade, onde podia estar exposta miseravelmente ao capricho de quantos me encontrassem; tem-me dado uma educação superior á minha posição. E minha tia, não mostra-me ella tanto amor e ternura, não me prodiga tantos carinhos? tem me sido verdadeira mãe; e quanto não tem ella soffrido pela ausencia do primo Alfonso? coitada, desabafa todo esse amor e saudade carinhando uma pobre orphã! Deos lh'a recompensará com felicidades eternas á elles e toda a sua descendencia, coroando suas virtudes. Meu tio, nem se lembra talvez, que alguém haja que tanto lhe deva, que ore á Santa Virgem por sua segurança.—

## SCENA III.

A MESMA E SOPHIA CANTAROLANDO O FINAL DE UMA QUADRA.

Do amor doce illusão.... (*mudando de tom—com ternura.*) Que melancolicas meditações são estas que se apoderão do vosso coração? Tão joven, bella e amada—sois demasiado feliz—para vos esquecerdes n'um canto da casa, horas e horas, como fazeis a pensar na vida. Melhor faríeis se me imitasseis, pois trabalhando cantando...

quando canto, triste ou alegre, enfim, todo tempo levo a cantar que nem serêa.

GUILHERMINA.

Bem feliz é na verdade quem tal se julga...

SOPHIA—*sobresaltada.*

Que.... pois julgais-vos infeliz?

GUILHERMINA—*acudindo ligeira.*

Nunca tal coisa, no seio de uma familia, que me ama como sua filha, e.... (*surrindo*) junto á divertida Sophia.

SOPHIA.

Ora essa agora não é má; gosto de divertir-me e aos que estão junto a mim; enfada-me a tristeza.

GUILHERMINA.

Assim é; mas certos momentos tenho em que ninguem me póde divertir.

SOPHIA.

E' isso o que eu desejo vêr; inda não lancei mão dos meios mais efficazes, que não hão de ser baldados, asseguro-vos eu

GUILHERMINA.

Que é de meu tio, ainda não o viste hoje, Sophia? Como está alegre.

SOPHIA.

Isso é lá com elle, não tenho que divertil-o: (*mudando o tom*) mas vós soffreis alguma coisa....

GUILHERMINA.—*ingenuamente.*

Não. Porque me perguntas isso ?

SOPHIA.—*surrindo.*

Ora essa, que innocencia ; porque interesse-me por vós amo-vos, quizera soffrer convosco se soffresseis....

GUILHERMINA.

Obrigada, Sophia, mais feliz não posso ser, é-me tão possível.

SOPHIA.

Não, vós soffreis alguma coisa ; amais á.... alguém (*maliciosamente*) occultais-m'o....

GUILHERMINA.—*perturbada.*

Como, pois sabes que eu amo ? crês assim ?

SOPHIA.

Sim, senhora, seria preciso que eu fôsse muito posta da para não crêr assim, em vista dos seus modos, certo tempo para cá ; a alma não tem segredos, o gesto não manifesto. Até sei quem é : amais á Alberto (*observando com attenção o semblante de Guilherme*) abri-vos commigo, que saberei alliviar seus males.

GUILHERMINA.

Que diz ? é um bello moço, que não o aborreço nem tão pouco o amo se conheço o que seja amor.

SOPHIA.

Não o ama ? pois tenho notado que este moço, de sincero amor, será cruel ingratidão não corresponde igual ternura.

GUILHERMINA.

Não correspondo; não porque assim o queira, mas porque não o posso.

SOPHIA.

Pois que, seu coração tão innocente também já soffre as antipathias, não o aceita?

GUILHERMINA.

Meu coração não o aceita, e meus pais não o gostão.

SOPHIA—*pensativa.*

Está bom....

DA PARTE DE FÓRA.

Guilhermina ó Guilhermina?

GUILHERMINA.

Ahi vem meu tio, tão satisfeito, dar-se-há acaso algum acontecimento que ignoramos?

#### SCENA IV.

OS MESMOS E GONÇALO.

GUILHERMINA—*continuando baixo á Sophia.*

Traz o sorriso nos labios, que alegria. (*Indo para Gonçalo*) Meu tio.

GONÇALO.

Minha filha, minha querida filha se soubesseis, espera que é do Maria? Ido chamal-a para aqui.

GUILHERMINA.

Meu pai, perdão; mas, permittí-me dizer-vos, que extranho hoje em vós uma certa alegria que não vos é natural.

SOPHIA.

(*À parte*). A pequena é curiosa, ha de cahir-me nas unhas—que pechinxa.

GONÇALO.

Minha filha, muito vos amo para não explicar-vos a causa de tão subita mudança em meu ordinario um pouco rispido, bem o sei; mas bastar-vos-há saber quão vária é a fortuna dos mortaos; ido chamar vossa mãe, e tú Sophia (*à esta*) podes retirar-te.

SCENA V.

GONÇALO só.

E' justo que minha virtuosa esposa participe de tão doce ventura; ah! meu filho; ó bem penosa a existencia. Eis-te a chegar; (*commovido de prazer*) d'aqui a um mez aqui o teremos nos braços: (*pausa*) necessito de quem me substitúa na vida social, meu herdeiro a quem possa legar minha alta posição; a quem confie a defesa da patria: precisamos mocidade e vigor, (*com voz estridente*) para cravar o punhal de morte n'esse monstro aterrador da humanidade, a tyrannia, a escravidão! (*Mudando de tom*). Espero em Deos e nossa coragem, que em breve tempo com a união de todas as Capitánias, formaremos uma liga invencivel; daremos um impulso tão esforçado, que exemplará em todos os tempos aos homens,—saberem reivindicar energicamente a sua liberdade! (*Pausa*). Não se mister haver engenhosa prudencia e moderação.



ai de nós.... tanto sangue correr em vão! (*Horrorizado*). Ah! nunca; é dar lugar a que essa maldita nação es- carneça da empresa a mais sagrada dos Brasileiros, como de uns vís escravos.... Não! n'uma tarefa tão ardua e arriscada é mister habil politica para uma combinação perigosa, e cimentar predispondo os animos populares; com bravura e valor inaudito, que farão as paginas mais gloriosas dos annaes da nossa Capitania. (*Transportado*). Oh! triumpharemos, defendendo tão santa causa e cal- cando aos pés o sceptro tyrannico; (*com enthusiasmo*) que- brando infamantes ferros, que pézão sobre o povo cheio de honra e nobreza, exposto ao capricho de senhores de- pravados, esnagar nossas cabeças, pizando os nossos mais sagrados direitos, e derramar o sangue innocente dos Brasileiros! (*Pausa*). Levanta-te, povo soberano, o san- gue que tem corrido exige vingança, e é demais para in- fundir-nos ardente e feróz enthusiasmo!—tudo terá seu tempo.—A nossa Capitania, (*com enthusiasmo*) não terá em seus annaes só o brilho de Amador Bueno.

## SCENA VI.

O MESMO, D. MARIA E GUILHERMINA.

D. MARIA—(*com ternura*).

Que me queres, Gonçalo, que estranha alegria é a que mostras hoje á todos? Acaso algum acontecimento, que tão immediatamente influe a nossa sorte, mais felizes? dizes-m'o, deverei participar. (*Tocando-lhe brandamente nos braços*).

GONÇALO.

Sim, querida Maria, seremos mais felizes, descerrou-se o véo que encobria meu coração, Deos assim o quer: —lê esta carta. (*Dá-lh'a e a contempla sorrindo contente*).

D. MARIA—logo á primeira vista.

Oh! esta lettra.... é do nosso Alfonso, que dirá elle?  
(Lê baixo—em quanto Gonçalo falla).

GONÇALO.

Ah! Deos de bondade, esta é sempre a recompensa dos que soffrem calados e pacíficos; é bem grande....

D. MARIA.

(A' Gonçalo). Tens razão para estar alegre, sômos bem felizes; chega aos nossos braços d'aqui á um mez. Oh, mãi quanto és feliz: muito vos agradeço, ó meu Deos—(para o céo) attendestes ás minhas supplicas! Elio, que ha onze annos o não vejo, não cançarei de abraçal-o, meu filho! (As ultimas palavras com emphase). Guilhermina—(á esta) vais vêr o teu primo, teu irmão, como não o has de amar? (pausa). Deve estar bello, formoso agora que completa justamente vinte e dois annos. Deos quer que eu ainda o abraçe uma vez antes de morrer; filho, arrancado de minhas entranhas, corda do meu coração!... Gonçalo, (á este) que farás quando nosso filho chegar; tú, que o amas extremosamente?

GONÇALO.

Partirei a encontral-o na cidade do Rio, e quero que tudo aprestes para a partida.

D. MARIA.

Sim, é preciso já. (Sahindo).

## SCENA VII.

GUILHERMINA, só.

Eil-os engolphados em um mar de delicias, á espera de um filho, joven bello e cheio de encantos, digno de

ser adorado; fruto de suas virtudes, recompensa de seus trabalhos.... Que alegria terna e incomparavel não se apodera do coração de uma mãe, prestes a abraçar o filho idolatrado, digno objecto de seus sonhos e cuidados, após de tantos annos de separação? E' justo: deve ser tão grande quanto é a dôr que punge e tortúra seu coração quando o vê padecer.... morrer! E olle? quando abraçal-a.... oh.... eu chorarei se vir, e quem haverá que deixe de commover-se a um quadro d'esses? *(Pausa)*. Quanto é feliz aquelle, que ainda pôde abraçar um pai, uma mãe; em sua dôr!... Quantas lagrimas hei derramado, consagradas á memoria dos meus!... Ah, minha mãe, se ainda vivesses, tú, de cuja vista mal me affastava, afflicta me procuravas e com que ternura me estreitavas em teus braços, me apertavas sobre teu coração que te pulsava alterado de encontro ao meu.... eu o sentia! *(Enchuga as lagrimas)*. Com que carinhos me abrazavas as faces com teus ardentes e embriagantes beijos! Quanto padeço, ó céos, n'estes momentos em que relêio em suas ultimas palavras gravadas eternamente em meu coração—« Filha querida, ouve a vóz de tua mãe « prestes a comparecer ante o Eterno Juiz Supremo.— « Ora a Deos pela minha alma, e nunca esqueças meus « conselhos..... Na Virgem Santissima encontrarás teu « apoio.... tua felicidade e... *(com vóz sumida)* Tua mãe!...» Oh minha mãe!... *(levando o lenço aos olhos)* voaste para Deos....

UMA VÓZ FÓRA.

O Sr. Gonçalo está em casa?

GUILHERMINA—*concertando o semblante.*

Quem será? *(Vai até a porta e volta contrariada—entrando Alberto).*

SCENA VIII.

A MESMA E ALBERTO.

ALBERTO—*aproximando-se com ternura.*

Querida menina, porque te fazes tão esquivada a mim, que te amo, e adoro com um frenesi ardente? Penso em ti a todo o instante do dia e da noite; vê adorada, quantas penas doverei ter passado, para vencer teu empedernido coração!... Como será possível demar tão ardente paixão? Nada há que eu evite sofrer se for mister para fazer-me digno á teus olhos; a morte—saberei affrontar, se o mandares.... (*ajoelhando e procurando a dextra de Guilhermina*). Attende-me eu, l'ò supplico!...

GUILHERMINA—*voltando-lhe as costas.*

Não; não posso amar-vos, senhor, não quero.

ALBERTO—*levantando-se magoado.*

Não queres!... Sabes a que eu vim?

GUILHERMINA—*seccamente.*

Não me importo.

ALBERTO.

Pois bem, logo saberás. Que é do Sr. Gonçalo? ancioso espero á fallar-lhe da perola inestimavel que tem em sua casa; venho assegurar minha felicidade a posse de tua mão, Guilhermina.

GUILHERMINA.

Que! Não posso amar-vos, já disse-vos; não serei vossa esposa.

ALBERTO.

(*À parte*). A rosa tem espinhos. (*Alto*). Já o Sr. Gonçalo fez-me a honra de prometter-me a tua mão: oh,

como estás bella, amo-te com insana paixão que cruelmente me devóra, como mais senão póde amar : tão mimosa flôr ; feliz o mortal que possuir-te !...

GUILHERMINA—*evitando a vista de Alberto.*

Minha mão promettida.... a vós ; é impossivel.... não, meu tio não é tão duro ; *(com firmeza)* é mentira, senhor !

ALBERTO—*disfarçando sua alegria.*

Ouve, minha bella, venho unicamente determinar o dia de nosso consorcio, tenho a promessa de tua mão. Este casamento é muito vantajoso a ti e ao Sr. Gonçalo ; elle isso reconhece, é paulista legitimo, é teu tio forçar-te-há a seguir-me.... entendes ? *(Com sorriso dissimulado).*

GUILHERMINA—*tremula de susto cahe n'uma cadeira junto á meza.*

Meu Deos, é impossivel !

## SCENA IX.

OS MESMOS E GONÇALO.

ALBERTO—*vendo Gonçalo procura disfarçar o seu temor.*

*(Á parte).* Está complicado o negocio !

GONÇALO—*entrando de subito á Alberto.*

E' demais, tudo ouvi miseravel ; vieste-me assim insultar em minha casa prevaiecendo-te da fraqueza de uma criança ? assim pretendes enganar-a ultrajando meu nome, vil traidor ?

ALBERTO—*humilhando-se.*

Senhor l...

GONÇALO—*no mesmo accento de voz.*

Nunca será tua esposa, eu t'o juro: tú joven libertino, que te suppões cheio de encantos e merecimentos, ouve-me, nada mais vales do que uma injuria á natureza, uma miseria da vontade humana, um dandy. O coração que offertas á esta innocente menina, existe engolphado n'um oceano de corrupção, enegrecido nos vicios, entumecido de paixões. Não é o teu rosto o alambicados trejeitos que hão de enganar-a: nem teus olhos rebentando lagrimas filhas de industria,—não é o habito que faz o monge. Vai-to. (*Indigitando imperativamente a porta*). Antes que mande dar-te o castigo que merece tua audacia.

ALBERTO.

(*Á parte*). Hei de vingar-me.... (*Fazendo um ligeiro cumprimento—sahe*).

### SCENA X.

OS MESMOS MENOS ALBERTO.

GONÇALO—*á Guilhermna que vem ao meio da scen a.*

Minha filha, eu te amo como se tal fosseis, quereis viver em nossa companhia, com vosso pai, com vossa mãe, não é assim?

GUILHERMINA.

Sim, meu querido pai, eu vos amo quanto é possivel a uma filha amar a seu pai; porque vós o sois para mim na realidade: abraçarei com satisfação e respeito o destino que me derdes.

GONÇALO—grave.

Muito bem, filha de meu coração; serei escrupuloso e discreto na escolha do vosso destino: á um pai cumpre a direcção dos filhos; confiai em Deos que tudo vê, motôr supremo de toda nossa felicidade, e em vosso pai. Por agora, corro pressuroso a encontrar meu filho, que sem dúvida dentro d'estes vinte dias o verei: vais ficar com Maria, unica a quem confio os cuidados de vossa pessoa como de uma filha á sua mãe. Ha sete annos, que viveis connosco; nada fizestes que nos desagradasse, antes de dia á dia mais nos inspiraes amôr e interesse por vós: temo-nos desvelado em vossa educação; tudo, para vossa futura felicidade. Aproveitamos a vossa infancia, para no coração inexperto, que dorme o somno feliz e delicioso da innocencia, semearmos principios de virtudes, edificantes, que produzirão n'elle uma arvore frondosa, sob cuja sombra evitarão as flammias das paixões e prejuizos da fraqueza e da ignorancia; vós, minha filha e aquelle á quem o céo destinar tanta felicidade, cuja sorte compartilhardes: espero que sereis feliz. Durante o tempo de minha ausencia, como já disse-vos, Maria cuidará de vós; sêde boa como sempre, nunca vos affasteis de seus conselhos; lembrai-vos que são inspirados pelo amor de uma virtuosa mãe, assim como foi filha sempre obediente, o um espelho das esposas, de cuja conducta um só ponto nunca tive a recriminar; tem-me feito levar uma vida tão feliz, quanto é possivel aos mortaes n'este mundo de inconstancias. Encommendei sempre meu destino ás mãos da Providencia Infinita em sabedoria, e Infallivel em sua bondade aos que n'ella se confião; hei sido tão feliz, que desposei a doce Maria, bella e amavel, esposa adorada. Nós, tudo podemos ser e tambem nada, pela educação, querida filha: amai-a e segui-a em tudo restrictamente que sereis sempre feliz.

GUILHERMINA.

Meu pai?...

GONÇALO—grave.

Minhas palavras são dictadas pela razão fria e calma de um velho. (*Mudando o modo*). D'aqui á um mez mais ou menos aqui estaremos todos reunidos, se fôr da vontade do Altissimo; vereis o vosso irmão não é assim amal-o-heis!

GUILHERMINA.

Sim, meu pai, desejo ancioso vêr e abraçar a meu irmão, filho de pais tão queridos e amáveis: n'esse velho rei o vosso reflexo, em seu coração ainda joven vêta esse arbusto que tem de cobrir a terra de abundantes frutos, de cuja doçura se nutrarão todos aquelles que d'elle se aproximarem, deixando-lho cabir mil bençãos dos céos: arbusto vicejante de flôres, cujo suave perfume todos sentem, e ante o qual nem mesmo as almas corrompidas pôdem deixar de render-lhe homenagens de respeito e admiração. Esse joven cujo coração maior que os annos, que floresce em virtudes como a flôr em pétalas, no qual se pode encontrar um novo arrimo, um irmão!...

GONÇALO—com transporte.

Minha encantadôra, minha querida filha, vossas palavras me endoecem de alegria, quanto sois bella! (*Beijando-lhe a testa*).

## SCENA XI.

OS MESMOS E D. MARIA.

D. MARIA.

Pois então, Gonçalo? Estás aqui entretido quando te ves cuidar do que é necessario para a jornada: não te vêr os animaes que se achão em estado de viagem, e o negro vos acompanha e o mais: parece-se seu...



sahir hoje, deixes para esta madrugada, com a fresca, não se afadiga e caminha-se muito melhor, fiques hoje....

GUILHERMINA.

Sim, é melhor meu pai, deveis ficar hoje para arranjar-se com descanso os aprestos de viagem, e com a fresca....

GONÇALO—*surrindo*.

Deixai esses arranjos ao meu cuidado; um viajante escoteiro não anda nem corre—vôa, e quanto a sahir com a fresca da madrugada me é indifferente, já tenho a pelle tisonada pelos ardentes raios do sol, sahirei esta tarde.

D. MARIA.

Voarás bem o sei, entretanto já queres sahir hoje, quanto mais cedo melhor será.

GONÇALO.

Sempre foste prudente, Maria, hoje estás afflicta de mais, tudo o mais logo se fará não ha duvida, eu saio um pouco á rua e já volto.—O meu chapéo que é do meu chapéo?

GUILHERMINA.

Está aqui, meu pai. (*Trazendo-o de cima da mesa*).

D. MARIA—*brandamente*.

Já nem te lembras onde deixas as coisas....

GONÇALO.

Até logo. (*Sahindo*).

SCENA XII.

OS MESMOS MENOS GONÇALO.

D. MARIA—*sentando-se.*

Menina, já estou sentindo a falta do meu esposo, antes de ausente; só tua presença me allivia mostrando uma alma angelica, e cheia de encantos.

GUILHERMINA.

Minha mãe, farei sempre o que puder para merecer o vosso amor.

D. MARIA.

Já tens feito muito, mais não é possível; por essa parte sou muito feliz; mas meu coração presagia que soffrerei alguma coisa mais do que um mez de ausencia de Gonçalo. E de mais estou tão desacostumada a soffrê-lo ausente—que a esta ultima monteria de veados, já muito soffrí, muitos cuidados deu-me: quem sabe lá o que ha de acontecer, ninguem sabe o seu destino n'este mundo....

GUILHERMINA.

Só Deos, minha mãe, entretanto socegueis, não vos ocupeis com vãos presagios, isso pertence á ignorancia e ao gentilismo. Não só meu pai, como tambem meu irmão encherão, logo vossa vista entornando em vosso coração amoroso a taça de alegria e delicias.

D. MARIA—*levantando-se.*

Esperas assim? Isso conforta-me bastante, Deos te cuça, menina, e permitta que assim aconteça. (*Sahe*).

SCENA XIII.

GUILHERMINA, só—*aproximando-se á uma janella.*

Que puro azul do céo, bello e sereno.... Protegei, ó meu Deus, aos meus bemfeitores, que a ventura sempre os acompanhe áquem e além tumulo.... Oh! os bons não necessitão de quem ore a Deus por elles; por suas virtudes serão sempre guiados e defendidos pelo poder divino.

SCENA XIV.

A MESMA E SOPHIA.

SOPHIA.

Que estás fazendo, o Sr. Gonçalo não sahe hoje para Santos?

GUILHERMINA.

Sim, sahio á rua, mas já volta, quer hoje mesmo deixar-nos, para trazer o primo.

SOPHIA.

E então fica o pobre Alberto....

GUILHERMINA.

Que tanto me fallas n'esso moço? tão perverso.

SOPHIA.

Não, não é tão máo assim, isso querem dizer os que o não conhecem, os perversos, sabe o Sr. conde de Palma trancafiar-os na cadeia.

GUILHERMINA—lançando as vistas para a rua.

Não sabes que os ricos e poderosos esmagão as leis e governadores? As penas só fôrão estabelecidas para os pobres, esses devem ser castigados, porque não pôdem proteger a ninguem, não pôdem pagar os beneficios.

SOPHIA.

Mas tudo isso nada tem com o Sr. Alberto, é um moço rico, mas que sabe derramar beneficios por toda a parte—não afferrolha as suas riquezas, sabe espalhar até aos pobres, moço virtuoso, toda a cidade está cheia de seus beneficios, e o eleva até ás nuvens.

GUILHERMINA.

E' o mesmo que dizeres, que toda a cidade está cheia de adúladores.

SCENA XV.

OS MESMOS E D. MARIA.

D. MARIA.

São já quatro horas, o que estará fazendo Gonçalo até agora sem voltar.... está tardando muito.

GUILHERMINA.

E' preciso desculparmol-o, minha mãe; é que se está despedindo de alguns amigos, bem vê que vai viajar.

D. MARIA.

Sim, menina, sei disso mas....

SCENA XVI.

OS MESMOS E GONÇALO.

GONÇALO—*interrompendo-a.*

Mas o que? a que vem esse mas? já vejo que trata-se de mim por cá, tante d'ello se cuida: Oh Sophia, (*a esta*) Bernardo já veio?

SOPHIA.

Está ahí, sim, senhor.

MARIA.

Que tanto tempo gastas para tudo, já é tarde e o sol não te obedecerá parando, como a Josué conquistando a terra da promissão.

GONÇALO.

Fui dizer adeus a alguns amigos, bém como prevenir ao nosso mano Fr. Ignacio, da minha repentina viagem, que ignorava. Nada mais falta, vou já partir.

D. MARIA.

Então, meu querido?

GUILHERMINA.

Meu pai?

GONÇALO.

E vós esposa, e filha queridas, (*abraçando-as conjuntamente*) apromptai para a minha chegada e do nosso Alfonso, toda a alegria que puderdes apresentar com vossa costumada bondade. Em quanto agora, parto, levando a saudade n'um coração comportado de amor, embora já carcomido pelo tempo e trabalhos da vida.... Adeus....



mil benções deixe a Santa Virgem cair dos céos sobre vós, e as proteja com sua graça. Uma esposa saudosa e uma filha amorosa. (*Beijando a testa de cada uma*). Até d'aqui á um mez.

TODAS TRES.

Se Deos quizer....

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

---

**SEGUNDO ACTO.**

**AMOR É PRISÃO.**

---

O Theatro representa a mesma sala do acto primeiro: haverá no soalho um alçapão, que se apresentará aberto conservando-se as portas fechadas. 8º dia.

**SCENA I.**

**ALBERTO, FERNANDO, DR. CERANTY, FR. IGNACIO, ALFONSO  
E MAIS UM OU DOIS CLUBISTAS, TODOS DE LUTO—SAHEM DO SUR-  
TERRANEO PELO ALÇAPÃO.**

**FR. IGNACIO.**

Já nada mais resta a duvidar, que perdemos um socio inabalavel, um ardiloso e devotado amigo da liberdade.... meu irmão !..-

**ALFONSO.**

*(Suspirando)*. Ah! mais que um amigo para mim.... meu pai!

**ALBERTO—tomando um gesto de orador.**

Sim, perdêmol-o e para sempre.... Membro illustre do nosso club, a quem devotamos sincero respeito e admiração.... chorêmol-o: elle que era o fundamento da nossa

empresa sagrada : a cabeça do que nós fazemos o corpo.  
O' Deos.... *(Como que em desespero, mas—humilhando-se).*  
perdão.... inexcusáveis decretos de sua sabedoria insensuavel....

FR. IGNACIO.

Deos d'elle se lemb're em sua gloria.

TODOS.

Assim seja.... *(Alfonso divide a cada um d'elles uma carta fechada).*

FR. IGNACIO.

Senhores; achamo-nos actualmente situados em mui perigosas circumstancias como sabeis? tinhamos combinado o plano de expulsarmos da Capitania de S. Paulo, todos os que á nossa independencia e liberdade, se oppusessem, e bem prevenidos achamo-nos com forças sufficientes, porque graças ao Omnipotente temos encontrado animos patrioticos e generosos em nossa terra, e temos felizmente reunido uma força de dez mil homens mais ou menos, o que para a só Capitania de S. Paulo é mais que sufficiente: mas com grande pezar, agora que íamos realizar a liberdade patria com as armas na mão, agora foi que vimos tombar o nosso estandarte antes de encontrarmos o inimigo, agora, que tivemos a perda da cabeça mais preciosa, e unica que nos firmava n'essa altiva posição! Será melhor portanto esperarmos.... combinarmos novamente e com prudencia até que seu filho, o nosso novo chefe tome as medidas necessarias.... apoiaes?

TODOS—*menos Alfonso.*

Sim. *(Retirão-se).*



SCENA II.

ALFONSO E o CARMELITA.

ALFONSO—*reclinando a cabeça sobre a mão—sentado  
junto á meza.*

Ha onze annos, qũo d'aqui me fui para Coimbra entre  
lagrimas e soluços; as saudosas lembranças da patria e  
familia, desinhavão-me; mas a esperança, esse balsamo  
do coração, remedio santo, nutria-me a coragem, leniti-  
vo de minhas penas. Finalmente despontou doirando o  
horizonte de minha vida, a aurora formosa d'esse dia,  
supposto fim de minhas angustias, portanto tempo anhe-  
lado em que devia ao lar paterno, habitar sob o roseo  
cêo da patria?!... O gôzo terminou-se co'a esperança....  
*(Pausa)*. Chego.... e onde devia ser recebido com la-  
grimas de prazer, e estreitar nos braços o mais querido  
dos pais, quando o meu coração devia pulsar de alegria,  
foi rasgado por uma setta de dôr tão amarga, que petri-  
ficou me por alguns instantes... *(Pausa)*. Caminhei....  
já sem esses gostosos e illusorios pensamentos que nos em-  
balão o espirito, e dissipando-se ao mais ligeiro sôpro,  
como o fumo pelo ethereo espaço, servem só para tornar  
mais dolorosa e amarga a decepção.... como recuando o  
punhal ante o peito, *(imitando com o punho)* para com  
mais força descarregar o golpe! Caminhei... caminhei  
como o passaro que vda ferido, como a fera que dispára  
frecbada.... *(Ligeira pausa)*. Chego estreitando sobre o  
coração minha mãe, minha irmã; com os olhos inundados  
de lagrimas, deixando cahir dos labios frases inintelligi-  
veis, entrecortadas por soluços; innovando assim a dôr  
que por dias descapçava encerrada no fundo da alma!...

FR. IGNACIO.

Chorais por isso, meu sobrinho?

ALFONSO.

Sim. Derramando copiosas lagrimas d'aqui parti, e depois de tão longo tempo de ausencia assim voltei... onde devião se elevar a gala, o sorriso e as graças, surgirão o luto, o pranto e o horrído gesto da morte... esta é a realidade, o mais foi um vaporôso sonho!

FR. IGNACIO.

Meu filho, alto juizo de Deos.—(*levantando para o céu*)— Não vos entregueis cobardemente ás violencias da dôr, esforçai-vos um pouco; não ignoreis que nada n'este mundo é firme. Tudo aqui se passa com a ligeireza do vento, como um sonho; Deos permite que choremos a perda dos objectos p̄ciosos, mas tambem consola-nos, firmando toda nossa esperança em sua misericordia, em sua gloria. O mundo é completamente miseravel, em sua realidade nenhum bem achamos; reduz-se tudo á esperança — e a esperança mais firme é aquella com a qual na ventura ou no infortunio encontrámos tranquillidade e alívio; aquella com a qual, nunca sômos roubados do bem; ella nunca nos deixa cahir em sobresaltos, é aquella, que os mesmos que a negão vão provar sua bondadosa sombra quando experimentão o mal: a esperança da eternidade, da bemaventurança, essa fé e caridade que nunca nos illudirá, de tudo nos surrimos tranquillos, ella é sempre firme e a mesma.

ALFONSO.

Reconheço, mas não posso...

FR. IGNACIO.

Ser-vos-há possivel conceber, que Deos, o Sér summamente perfeito, justo e bom, nos indicasse resignação e esperança sem conceder-nos as forças precisas?

ALFONSO.

Não... já nem sei o que digo...

FR. IGNACIO.

São excessos da dôr; tranquillisai o vosso espirito, deixai obrar livremente a razão e será extinta a offerescencia da afflicção, conhecereis a verdade das minhas palavras.

ALFONSO.

Esse esforço é bem arduo e difficil.

FR. IGNACIO.

E com tudo mais facil de supportar; e demais, depois que o tiverdes feito rir-vos-heis de vossas lagrimas. Adeus, em breve cá voltarei—ficai com Deos.

ALFONSO.

Até logo meu tio.

### SCENA III.

ALFONSO E SIMÃO.

ALFONSO.

Como é difficil passar-se esta vida, os dias são seculos?

SIMÃO—*entrando logo que sahe o Carmelita.*

Meu senhorzinho, não creio ter-vos diante d'estes olhos, pareceis outro; fostes ainda ha dias d'aqui, um peccadinho assim, (*dá a altura com a mão*) e já voltastes um bonito mocetão. No meu tempo, ó como se custava a crescer! Hoje já assim não é, tudo está mudado; crescem estes meninos de um para outro dia. (*Com tristeza*). Ah; grande alegria nos íeis dar, mas foi afogada pela catastrophe em que meu bom amo succumbiu á força da morte.... que penuria, que lastima, que desgraça!....

ALFONSO.

Meu bom Simão, em tanto tempo só mudaste no semblante e na idade; quanto ás boas qualidades te conservaste inalteravel, é o mesmo que deixei, o que me dá alguma consolação. Peço-te que rogues ao Altissimo pela sua alma: tua dôr, prazer se pôde chamar, junto á minha; perdeste um bom amo, um velho amigo é verdade; porém ser-te-há facil achar um outro que occupe o mesmo vácuo deixado por este em teu coração.

SIMÃO— *com lagrimas.*

Ah... meu amo!...

ALFONSO.

Mas a minha dôr é bem differente... (*Pausa—*). Perdi o meu melhor amigo, mais que isso um pai tão caro, que idolatrava-me; nunca mais o acharei... Ninguem, oh, ninguem no mundo poderá substituil o para mim... entretanto elle não deixou vácuo senão simplesmente na terra. Gonçalo de Moura já não existe para a sociedade para o mundo: mas meu pai... (*com enthusiasmo—*) nunca morrerá, em meu coração. (*Pondo a mão no peito*).

SIMÃO.

Meu Deos; amo tanto ao pai como ao filho. Um —há trinta e cinco annos que o acompanho, protegeu-me servindo de pai a mim vagabundo, que a natureza por extravagancia criou—e solitario lançou me na terra ao acaso... á esse já nada mais tenho a dar, entreguei-lhe meu coração, minha vida inteira. Outro—embalei-o no berço, sustentei-o em meus braços, acalentando-o em seu vagido; este inspirou-me um amor terno paternal...o pai, será sempre o senhor do meu coração, (*indica-o com a mão*), e em sua falta quem mais dignamente que seu filho poderá substituil-o! (*Pausa*). Para aquelle... um amor mudo e firme: para este... (*Depois de estender o braço*

*em silencio e significativamente para Alfonso), tudo o que sou!*

ALFONSO.

Eis uma alma nobre e sincera, bem difficil de encontrar-se igual na terra! Mil vezes obrigado, ó um alento e felicidade para mim, ter sempre a meu lado um homem, um amigo firme e leal, como tú, meu Simão....

SIMÃO.

Meu amo.... eu sou ninguem.... (*Inclinando a cabeça diante de seu amo*).

#### SCENA IV.

OS MESMOS E D. MARIA.

D. MARIA.

Que fazeis aqui, meu filho?

ALFONSO.

Gemendo o nosso infortunio, lacuna eterna; e vós minha mãe?

D. MARIA.

Eu? ah! sabe Deos quanto hei passado n'estes poucos dias... porque pungir tem passado meu coração. As lagrimas vão-so-me exaurindo, a dôr solapa o coração, e me consome a existencia do dia em dia!

ALFONSO.

Não.... minha mãe! com a vossa sôra também consumida a minha vida. Precisaes descansar: esquecei o pas-



sado que já mais voltará; só nos resta o presente e futuro, e isso mesmo quem sabe?... *(Pausa)*. O mal irremediavel, com o tempo esquecer devemos, assim como soffrê-lo e parar-nos em estado de receber com serenidade, outros que pôdem acaso vir: só da saúde deveis cuidar e nunca ceder aos impulsos de um coração nos excessos da dôr!...

MARIA.

Que mais poderei esperar d'este mundo—se ~~um~~ <sup>um</sup> fiel companheiro d'elle sahiu? De ora ávante nada mais verei que o meu sepulchro.... tudo ficará para sempre a meus olhos envolvido em negro véo do luto: existindo na sociedade; mas no fundo do coração existe uma solidão perpétua onde serci sempre encontrada. Já não ha para mim presente nem futuro, só no passado se encerra a minha existencia inteira, só o passado é meo.... e unico prazer para mim será remembral-o, representando-o sempre na imaginação. Meu filho,—sê feliz e ampara tua irmã, tudo para mim se acabou!

SCENA V.

OS MESMOS e GUILHERMINA.

GUILHERMINA.

Que dizeis, minha mãe?

D. MARIA—*proferindo lentamente.*

Nada: que sou morta...

ALFONSO.

Não; esqueceréis vossa dôr, ainda estais ligada á terra por laços mui fortes e sagrados, ainda mais que os conjugaes; tendes deveres a cumprir, dois filhos a tornal-os felizes com vossa presença e alegria; não morrereis.....

Quereis por ventura como a mais cruel das mãis, embeber a folha de uma espada n'um resto de sangue? cravar o punhal n'um coração já rasgado e denegrido de dôres? augmentar as penas ao desgraçado? Nunca; vós não sois capaz disso; deveis existir para felicidade de vossos filhos, cujos corações já têm sido repassados de angustias.

D. MARIA.—*com lagrimas.*

Meu filho?

GUILHERMINA.

Dizes bem, meu irmão.—*(Á D. Maria.)*—Deveis viver e esperar, minha mãe.

D. MARIA.

Minha filha! *(Abraçando-a).*

ALFONSO.

*(Á parte).* Ainda resta-me na terra alguma coisa...

GUILHERMINA.

Sabei, minha mãe, que o Sr. Alberto mandou prevenir-vos de uma visita sua á esta casa, que deseja hoje mesmo fallar-vos: peço-vos, se attendeis ás minhas supplicas, que me não façais a mais desgraçada das mulheres, espero em vossa bondade, não perdoreis vossa filha, não sereis o meu algôz, sois minha tão boa mãe...

ALFONSO.

*(Á parte).* Tentará ainda!? importuno...

D. MARIA.

Sim, minha filha, a vontade de teu pai é sagrada; jámais ousaremos esquecê-la, nada receies. Vamos passeiar ao jardim que está bella e fresca a viração *(á Alfonso)* Não poderei fallar a ninguem, respondei-lhe vós.

SCENA VI.

OS MESMOS MENOS GULHERMINA E D. MARIA.

ALFONSO.

Que dizes a isto, meu bom Simão? tudo nos ameaça perigo.

SIMÃO.

Não consagreis vossa amizade a esse Alberto, meu amo: esse moço é muito máo, não ha na cidade quem goste d'elle, o defunto patrão o abominava.

ALFONSO.

O que dirá elle? já meu pai negou-lhe a mão de Guilhermina. Eu, que a amo com vehemencia, já não como irmã?... *(Pausa)*. Bem sinto, Alberto, eu tambem amo-a, é justo que seja para meu lado a preferencia!...

SIMÃO.

Nunca em parte alguma achareis, meu amo, uma menina mais digna de vós, eu a conheço. Preveni-vos, que Alberto é má pessa; é um homem dissimulado quando lhe convém: finge-se vosso amigo para mais facilmente trahir-vos, e terá auxilio do seu amigo o meu muito conhecido Sr. Fernando; estejaes vigilante, que de traição ninguem incauto se póde defender.

ALFONSO.

Pensas muito bem, meu amigo, d'aqui em diante estarei prevenido. *(sahindo)* Segue-me.

SIMÃO.

*(Á parte)*. Deos o proteja.



SCENA VII.

ALBERTO—*na porta do fundo.*

Oh Sr. Alfonso? (*Entrando*). Não está aqui, para onde iria elle? Com os diabos, (*passeiando e espreitando as portas*) não vem ninguém, se eu pudesse fallar a sós com ella? (*parando pensativo*) talvez que abrandasse o seu genio. Não é possível; nem todas as cousas são faceis, nem se fazem como eu pensava: atéqui era um jorrar sem fim, sempre foi-me tudo mui facil, desejar e fazer.... onde vem o meu batel encontrar um cachopo? (*Pausa*). N'uma insignificante menina.... que indole terrivel e singular, caprichosa como só ella: é um impecilio ao curso feliz da minha vida. Não é tôla como ordinariamente as outras, fez-me barreira.... Irra, nenhuma outra faz igual; desespera-mo, (*cerrando os punhos*) ó mulher, serás por ventura alguma coisa mais de que um meio de gôzo e de leite para o homem? (*mudando*) mas não; arrefecer minha esperança antes de tocar o alto mar? Nunca, seria risivel, isso não é de um Alberto; tanto teimarei que hei de alcançar a victoria.—Se eu pudesse.... (*pensando*) ao menos avistar Sophia.... não seria máo, depois de escalada a praça, o triumpho é certo. Esta Sophia.... nenhuma lembrança tem, nem espirito; entretanto é meu unico instrumento aqui na casa; o maldito Simão nem um fio de cabello cêde, firme como uma pedra, que malsinação. Ninguém apparece..... (*Espreitando*). Oh! nasci com boa estrella, eil-a que se aproxima.

SCENA VIII.

O MESMO E SOPHIA.

SOPHIA.

O qué é lá isso? o Sr. Alberto por estas alturas....

ALBERTO.

Sophia, pois assim zombas com aquelle negocio, não te offereci tão grandes vantagens? nem uma rainha do oriente desprezaria isso assim, é uma impiedade.

SOPHIA.

Ora, Sr. Alberto, o senhor anda lá de fóra ignora o que se passa por cá, a coisa não é tão facil assim; des-cance por agora que é decididamente impossivel. A menina é mais que refinada, parece que de tudo sabe e leva a capricho divertir-se comigo; lança-me com incrível facilidade, dos meus mais altos torreões, tão difficeis de edifical-os.

ALBERTO.

Deixar-te-hás passar por um divertimento irrisororio, como um ente inutil? eu não esperava.

SOPHIA.

Olhe que não é brincadeira, quando penso subir á lua acho-me no fundo d'agua.

ALBERTO.

Forém senão aproveitarmos agora, quando mais? senão apanhámos o passaro no chão apanhal-o-hemos voando?

SOPHIA.

Eu já desesperei da empresa, agora repito-lhe que é difficillima, só aventurando.

ALBERTO.

A isso vim cá, quero uma decisão.

SOPHIA.

Então vou chamar o Sr. Alfonso, que é só quem lhe póde fallar. ~~Sabe—como se ao longe um trovão.~~

### SCENA IX.

ALBERTO.

Vejamos o que diz esse novo interprete. Dou de rijo ao fado, desgraçado se te oppões aos meus desejos, irás dar com as ventas á lua, á fé, meu querido émulo: eu o possuo, tranquillo.

### SCENA X.

ALBERTO E ALFONSO.

ALFONSO.

Sr. Alberto, tondo a bondade de sentar-vos.

ALBERTO.

Tenho a honra de cumprimentar-vos, Sr. Dr. Alfonso de Moura.

ALFONSO—*com toda a attenção.*

Dispon:le d'este vosso criado, o que desejais, Sr. Alberto?

ALBERTO—*sentando-se.*

Senhor, venho sem duvida affligir vosso coração já magoado e ainda em luto: venho pedir a intercessão junto á Ill.<sup>ma</sup> Sra. D. Maria de Moura a quem tenho a honra de pedir que me conceda a mão de esposa de sua sobrinha a Ill.<sup>ma</sup> Sra. D. Guilhermina, em cuja alliança espero encontrar minha felicidade. Offereço á esta senhora um futuro brilhante e feliz com uma immensa fortuna como não ignorais.

ALFONSO—*com indifferença.*

Sim, senhor.

ALBERTO—*continuando.*

De mais, conheceis a influencia e respeito de que gozo n'esta cidade. Supponho portanto que a mereço, e que nenhuma dúvida deveráo pôr na aceitação da minha proposta, o trouxe tambem uma carta de S. Ex. Revm. o Sr. D. Matheus de Abreu Pereira.

ALFONSO—*lê baixo a carta.*

Quizera, Sr. Alberto, que fosse-me permittido não intervir em ponto algum d'este negocio, que propõe-nos o senhor, com tanta generosidade, vantajoso na realidade para minha prima: e tomando uma posição á parte estimaria com o maior gosto que o meu illustre amigo fosse feliz em seu exito. Apezar meu assim não é; sou encarregado por minha mãe, de responder-vos: tive o infortunio de saber, que já o Sr. Alberto uma vez fallou n'isso a meu pai.

ALBERTO.

(*Á parte*). Já sabe.

ALFONSO—*continuando.*

E elle encontrando involuntariedade no consentimento de minha prima, não accitou a sua proposta. De...

ma sorte agora, está minha mãe sciente de que a quereis desposar, entretanto nunca poderia ceder a isso, sem que minha prima conviesse, infelizmente tenho o pezar de declarar-vos, que inda ella se acha no mesmo proposito. Em quanto ao Sr. D. Matheus, eu fallarei—logo.

ALBERTO—*com sorriso ironico.*

Estou certissimo, que o Sr. Dr. teria summo gosto em servir-me n'este negocio; mas não é possivel, é que está talvez compromettida.... alguém que tenha mais direito.... que a fará mais feliz....

ALFONSO—*procurando não entendê-lo.*

Quanto a isso se ha ou não compromisso algum, ignoro: mas talvez que minha prima espere alguma outra pessoa predilecta e por essa razão se negue aos que se lhe tem proposto; entretanto nunca se lhe exigirá o sacrificio de receber um consorte que não seja eleito pelo seu coração.

ALBERTO—*contendo o seu odio.*

Já são com esta duas vezes, que sou repellido d'esta casa, ignoro a razão, e supponho que n'esta cidade não ha familia mais nobre e tão distincta como a minha, vejo minha dignidade assim decahida, porque amei....

ALFONSO—*levantando-se com energia—Alberto tambem levanta-se.*

Amar a uma senhora como esta não é rebaixar-se, deve antes honrar-se, porque não sois digno d'ella e nunca o sereis, isto é um insulto, é uma infamia.

ALBERTO—*enfurecido.*

Infamia! Ignorais quem sou, senhor?

ALFONSO.

Sois um atrevido, o primeiro que ousa ultrajar-me.

ALBERTO.

Oh! é demais. (*Desembainhando uma espada que traz ao cinto*). Só tua morte poderá satisfazer-me d'este insulto! (*Armando o braço e marchando para Alfonso*).

ALFONSO—*com serenidade e immovel*.

Recúa e embainha tua espada, pusilanime....

ALBERTO—*cobardemente embainhando a espada*.

Da segunda não escaparás. (*Sahindo trémulo de furór*).

### SCENA XI.

ALFONSO—*indigitando a porta*.

Pusilanime.... pertinaz, o que protenderá elle?... Segunda vez desprezada sua proposição!... Isto sem duvida revoltará o seu desmedido orgulho; suas virtudes são as vaidades e presumpções. Exforçar-se-há para vingar-se; mas em vão: ah! se me alcanças em teu poder, sob essa altiva pompa, nada mais farias, (*surrindo*) que calcar-me aos pés, esmagar-me com esse fasto estrondoso. (*Fazendo consideração a si mesmo*). Só poderias achar um meio? mas esse?... vender a honra.... os campeões da liberdade, a patria com seus filhos queridos?!... oh! monstro renegado, traidor infame! (*Com horror*). Que digo? blasphemia, impossivel.... o seu desmesurado orgulho evitará trahir-nos. (*Chegando á janella*). E' já noite, o ar está gelado. (*Para o céu*). Poupaste-me a vida, oh Deos de bondade, agradecido!

SCENA XII.

O MESMO e GUILHERMINA.

GUILHERMINA.

O que fazeis aqui tão só? o que dizeis tão colerico, que fez-me tremer? dizei-m'o, dizei-m'o, querido Alfonso.

ALFONSO—*surrindo pega-lhe nas mãos.*

Oh, nada, minha adorada, tranquillisa-te.

GUILHERMINA.

Não posso tranquillisar-me, não confiais em mim, não; occultais-me alguma coisa, vossas mãos estão frias e trémulas!...

ALFONSO—*com ternura.*

Não te assustes inutilmente, minha querida, eu te amo tanto, te adoro.... A' tres annos que admiro tua belleza por um retrato que foi-me enviado por meu pai, ainda o conservo com grande cuidado sobre o coração (*tirando do seio um retrato*) como o mais precioso thesouro: ao mesmo tempo que encanta-me tua modestia e candura.... Quantas vezes, quando aqui gozavas d'esse suave somno da innocencia, pensava eu na vigilia, meditando em ti com teu angelico retrato!... d'esde esse tempo até hoje és tú, a rainha de meus sonhos, de meus pensamentos! quão venturoso torna-me o teu amor, Guilhermina?

GUILHERMINA—*com candura.*

Como estais bello! Continuai que sinto-me extasiada, eu tambem vos amo quanto aborreço a Alberto.... Senti muito frio hoje, tenho medo....



ALFONSO.

Temes : acaso amar-me ? Deixa teu coração proseguir ingenuamente em sua marcha.

GUILHERMINA.

Não temo amar-vos, não, meu Alfonso ; vós sois tão bom, encantais aos que vos vêem e vos ouvem ; elle é tão máo só inspira repulsão : d'esde a primeira vez que vos ví senti-me arrastada para vós !... tenho medo de Alberto. (*Escondendo o rosto entre as mãos*).

ALFONSO.

Ah, candida flôr, é de Alberto que fallas ? Não o temas, já nenhum mal te póde fazer, nenhum receio póde elle inspirar-te ; Alberto está morto.

GUILHERMINA.

Morto !...

ALFONSO.

Sim, meu amor, morto para ti : veio cá esta tarde pedir tua mão. (*Assustado, interrompe*). Tremes ! o que tens ?

GUILHERMINA.

Tremo, e tenho razão para isso....

ALFONSO.

Tranquillisa-te ; não volta cá mais, já está sciente que não podes ser sua esposa, debes ter pena d'elle.

GUILHERMINA.

Já sabe ? coitado ha de ter soffrido.

ALFONSO—*apertando-lhe as mãos*.

Eu te amo, só a mim pertences....



GUILHERMINA.

Oh sim! pertencço-vos, sou vossa!

ALFONSO.

Guilhermina, juras-me amor eterno, nunca pertencer a outro quem quer que seja?

GUILHERMINA.

Juro.... pela salvação eterna, pela alma de minha mãe, pertencer só ao meu Alfonso!

ALFONSO—*beijando a dextra de Guilhermina com transporte.*

Oh! que puro amor me consagras, eu tremo de alegria?! *(Com entusiasmo)*. Juro por tudo que me é mais sagrado, pela minha crença, pela alma de meu pai, não dar meu nome a outra mulher em quanto existires, Guilhermina!...

### SCENA XIII.

OS MESMOS, D. MARIA E SIMÃO.

D. MARIA.

Eis um amor verdadeiro e puro, isto é o que se chama saber amar. *(Aproximando-se)*. Meus filhos queridos, vosso pai, que Deus haja em sua gloria, manifestou-me vontade, de que vos pertencesseis um ao outro por meio de um hymeneu ante as aras sagradas de Deus; em quanto não chega esse momento que me descansará para sempre quanto ao vosso futuro: *(em tom solemne)*, eu como vossa mãe, e em nome de vosso pai, abençõo a vós Alfonso de Moura como esposo de Guilhermina Margarida de Quermant; e a vós Guilhermina Margarida de Quermant como esposa de Alfonso de Moura.

SIMÃO—grave.

Juramento solemne.... *(Com os olhos para o céu)*. Meu querido amo, cumpriu-se finalmente a vossa vontade, quanto a sorte de vossos filhos! O céu os abençõe....

D. MARIA.

Assim seja.

ALFONSO.

Ah, quanto sou feliz!

GUILHERMINA.

Quanto sou venturosa!

SCENA XIV.

OS MESMOS, E FR. IGNACIO.

ALFONSO E GUILHERMINA.

Meu tio?!

FR. IGNACIO.

Que é isto, toda a casa cercada?

TODOS.

Cercada!...

FR. IGNACIO.

Sim, uma multidão de gente e soldados que querem entrar!... *(Simão vai á janella)*.

D. MARIA E GUILHERMINA—*assombradas.*

O que será ?!

ALFONSO—*tranquillo.*

Nada.... (*À parte*). Estou perdido....

SIMÃO.

Traição! ouço as vczes de Fernando e Alberto....

DA PARTE DE FÓRA.

Em nome da lei abra a porta.

D. MARIA.

Em nome da lei ?...

ALFONSO.

Meu Deus.... agora que radiava de prazer, agora que meu coração tremia de tanta ventura, que no excesso de felicidade soube n'um momento o que é gozar prendendo-me nos braços da mais terna amante, é quando desprende-se rasgando as nuvens o raio para fulminar-me ?

FR. IGNACIO—*abrindo a porta.*

Podeis entrar.

## SCENA XV.

OS MESMOS, OFFICIAL DE JUSTIÇA, SOLDADOS &c.

FERNANDO—*lendo o mandado.*

Seja prezo o Sr. Alfonso de Moura denunciado como cabeça de uma conspiração contra o sagrado governo de Sua Magestade Fidelissima D. João 6.º rei de Portugal.

GUILHERMINA—*abraçando-o.*

Agora que o amo mais do que nunca.... oh, não m'ô  
hão de arrancar !...

FR. IGNACIO.

Alfonso ; Deos.... e a honra, sempre....

D. MARIA—*em furor.*

Que é isto ? porque meu filho ha de ser prezo ? sem  
duvida enganai-vos, não é elle o culpado que buscais, meu  
filho é innocente, não o deixarei prender...

ALFONSO.

(*A parte*). Miseravel... vendeste a honra e a patria !...

FERNANDO—*aos soldados.*

Cumprí o vosso dever. (*Estes dão um passo*). Senhores,  
sabeis que cumpro as ordens do Sr. conde da Palma  
Governador General. (*Fallando a todos.*)

ALFONSO.

Deixai-me partir, assim é mister ! Morrerei de saudade,  
sou desgraçado na terra e arrastrei ao abysmo do infor-  
tunio a mais brilhante estrella, o mais puro dos anjos !.  
Cumpra-se a vontade do Eterno, que mais tarde fulmi-  
nará ao traidor. (*Abraçando Guilhermina e separa de si*).  
Adeus....]

VOZES FÓRA.

Morra o traidor.... morra.

FR. IGNACIO—*indigando para fóra da janella.*

Miseravel populaça, adulaôra vil.... e tapete do...  
des.... inconstante como os ventos....

ALFONSO. — aos soldados —

Vamos. (*Sahindo*).

UM MURMURIO FÓRA.

Morra....

SIMÃO.

Alberto !.... Meu querido amo !....

GUILHERMINA.

Santa Virgem.... (*Cahe desmaiada sobre uma cadeira*).

D. MARIA.

Ah ! tudo se conspira contra mim ; Deos terá tambem me abandonado ?....

FIM DO SEGUNDO ACTO.

## TERCEIRO ACTO.

### O CARCERE E A MORTE.

O Theatro representa um carcere com grade fechada no fundo da scena: uma meza tendo em cima uma bilha com agua e copo; um toco leito, e junto á cabeceira um grosseiro assento. E' noite.

#### SCENA I.

ALFONSO—*sentado á cabeceira do leito—com abatimento.*

Em vão busco descanso e esquecimento durante o sono; se durmo, terriveis visões, despertão-me atterrado.... Ha dois mezes já, que sepultado n'este horroroso subterraneo existo, alimentando-me unicamente do negro e duro pão do encarcerado, longe do mundo sem um amigo que enchugue as minhas lagrimas! Oh! é horrivel.... *(Suspirando dolorosamente)*. Guilhermina.... minha mãe.... quanto tereis soffrido? um golpe após outro deve esmagar seus corações: martyres, Deos as consolará com sua providencia benigna e carinhosa em toda a parte! *(Pausa)*. Que sentença dar-me-hião esses vís juizes, mandatarios de satanaz? Sem duvida o cadafalso espera minha cabeça l... *(Grave e ironico)*. E' justo que arranque o ultimo gemido, como um reprobó no alto de um cadafalso vil, o homem que aimou o braço para affrontar a seu senhor.... que á custo de todo o sacrificio quiz defender a patria,

ouvindo-a gemer sob os ferros da escravidão, lutando nas  
vascas da morte, para salvá-la do opprobrio e da vergo-  
nha, porque os tyrannos postergarão nossos direitos, rou-  
bando-nos a liberdade santa! (*Pausa*). Sim.... seus ge-  
midos ferirão meus ouvidos; sacrificio mãe, esposa e a vi-  
da mesmo pela patria!—Morrerei.... é por ella, que dei-  
xei-me cahir nas garras d'esse monstro sanguinario.... a  
tyrannia! (*Mudando de posição no leito*). Oh! praza a  
Deos, que sirva meu sangue ao menos como um estímulo  
aos corações dos Brasileiros para concluirem a obra começa-  
da, conseguirem a liberdade, e sacudirem o jugo dos tyran-  
nos! Pobres selvagens brasileiros, quanto eréis felizes em  
vossas livres cabanas, sombrias florestas! perdestes tudo....

SCENA II.

O MESMO E CARCEREIRO—QUE ENTRA IMPERCEPTIVEL A' ALFONSO  
COM OS CABELLOS EMMARANHADOS SOBRE OS OLHOS, E ABRINDO A  
BOCCA COMO QUÉM A' POUCO HAVIA DESPERTADO.

CARCEREIRO—*á parte.*

O que estará dizendo? escutêmol-o.

ALFONSO—*tomado de horror.*

Mas tú, vil parricida! triumpharás dando-me um in-  
fame genero de morte, e escarnecendo-me na posse talvez  
de minha amante? Meu Deos! arrancai-me já a existen-  
cia! porque não vem um raio esmagar-me! (*Pausa—com  
abatimento*). Ah—cruel! tudo roubaste-me.... vendes-te  
a honra, patria, liberdade! e com ella Deos.... miseravel,  
e és filho das plagas brasileiras?!

CARCEREIRO—*á parte.*

Malvado, traidor.

ALFONSO—*tornando de novo ao horror.*

Alberto, Alberto.... teu nome causará sempre horror  
e desprezo aos verdadeiros corações brasileiros... e tú

vil traidor, sê para sempre maldito de Deos e dos homens, no céu e na terra !... (*Mudando*). Só me resta a pállida morte, que benigna me acaricia, e virá com seus descarnados dedos cerrar meus olhos ! Meu pai... quanto soffrerias tu ? és bem feliz...

CARCEREIRO—*aproximando-se.*

Sr. doutor, estou aqui dormindo junto de vós, ali fóra, (*indicando a grade*), talvez que preciseis de alguma coisa.

ALFONSO—*voltando-se.*

Quem me chama, o que me queres, homem ?

CARCEREIRO.

Sou eu carcereiro e um criado vosso ; venho vêr se precisaes alguma cousa, e....

ALFONSO—*indignado.*

Precisar de quo ? Por ventura vens descerrar este infernal calabouço, arrancar-me d'entre estas quatro frias muralhas ? Não. De que mais preciso ? Só a morte poderá resgatar-me d'este túmulo dos vivos, transpondo o umbral da mortalidade.

CARCEREIRO.

Senhor, não falleis assim, que feris meu coração ; eu vos estimo tanto como sempre estimei ao Sr. Gonçalo vosso pai, oh, e quem não estimaria aquelle homem bemfeitor de tantos Paulistas ! (*Mudando*). E' um amigo fiel que tendes, Sr. doutor, a causa que abraçastes e pela qual estaes aqui, é aquella pela qual eu tambem dou a liberdade, este pouco de sangue e de vida que me resta ! Sou infelizmente um carcereiro, mas porque a necessidade a isso me obriga.



ALFONSO —consternado.

Oh! dai-me um abraço: (*indo a abraçá-lo, e o carcereiro querendo evitá-lo com humildade*) sois um verdadeiro Paulista, sois meu irmão.... perdoai a indiscreta aspe-  
reza com que vos recebi, n'este fastoso gabinete; mas  
que quereis, se arrojá-ão-me no desespêro, e me arran-  
cá-ão tudo? Acaso, semelhante a Tasso beijei a alguma  
Leonor?

CARCEREIRO.

O mundo, é o purgatorio dos justos, e o paraizo dos  
condemnados.

ALFONSO.

Sim na terra, o malvado prospêra e o justo é oppri-  
mido.... ~~mas~~ eu leio estas palavras gravadas em minha  
consciencia: Sê justo e serás feliz! Bem vezes se accen-  
de em nós a indignação quando a esperança da terra é  
frustrada, e o nosso espirito se perde e murmura contra  
seu autor! Lastimavel temerario, espirito insensato! ou-  
sarás clamar que a virtude é nada, quando estás proximo  
a gozar do preço da tua? Cessaste por ventura de exis-  
tir? Deixarás tua esperança e tua gloria com teu corpo  
envolvido na terra? Espera, não manches tua nobre exis-  
tencia esquecendo a gloria do teu fim. Tu não morrerás,  
vás viver, e será então que gozarás de tua piedade, da  
recompensa promettida....

CARCEREIRO.

Estas são as verdades eternas, Sr. doutor.

ALFONSO.

Sr. carcereiro, miseravel é o homem que arrastando-se  
no lôdo das paixões, não attende a vóz da razão, e bru-  
talmente desconhece o seu destino! E' mais surdo que  
os surdos, envolvido em densas trévas; e é mais desgra-  
çado!...

CARCEREIRO.

Sim, senhor.

ALFONSO—*mudando repentinamente.*

Como vos chamais, Sr. carcereiro.

CARCEREIRO.

Alexandre Vasio, um criado vosso, Sr. doutor.

ALFONSO—*exforçando a memoria.*

Esse nome não me é desconhecido.

CARCEREIRO.

Sim, senhor, fui vosso camarada de viagem até Santos, a cousa de onze annos mais ou menos, quando íeis para os estudos de Coimbra.

ALFONSO.

Ainda vos lembrais d'essa viagem?

CARCEREIRO.

Como se fôsse hontem; era ainda o governo do capitão general Horta, (\*) sim senhor.

ALFONSO.

Verdade é, Sr. Alexandre, que tendes um coração nobre como não esperava encontrar: no campo esteril se vai achar a pedra preciosa e tão ambicionada dos homens! Valeis mais, debaixo d'esses pobres trajos de que muitos grandes senhores da nossa alta e respeitavel sociedade.... O côrvo sabe poisar tambem nas alturas da aguia....

(\*) Historico.

CARCEREIRO.

Isso lá também é verdade. Não me troco por muitos d'esses grandes fardões, mais sanguinarios que as feras, sou da vossa opinião, Sr. doutor.

ALFONSO.

No mundo, é tudo assim. O crime, a tyrannia é quem condemna a honra, a innocencia e a virtude: o faccioso triumpho do justo e o arroja na deshonra e na vergonha!

CARCEREIRO.

E' assim, Sr. doutor. Como de nada precisais, dai-me licença.

ALFONSO.

Já quereis ir, meu amigo? apertai esta mão. (*Estendendo e apertando a mão do carcereiro.*)

CARCEREIRO.

Vosso indigno servo. (*Sahindo—encontra na grade a Alberto, que mostra-lhe uma ordem pela qual o carcereiro o deixa entrar.*)

### SCENA III.

ALFONSO E ALBERTO.

ALFONSO—*sem perceber Alberto.*

Que frio terrivel faz aqui, e ainda sem dormir...

ALBERTO—*à proporção que Alfonso, sem voltar o rosto vai levantando-se, como que conhecendo a voz.*

(*Com voz sombria.*) Eil-c finalmente onde o desejava, (*vindo a passos lentos ao meio da scena*) deixar-se per-

der, preferir um cárcere horrível, ferros, a morte, a deshonra... por um nada—uma mulher! que loucura... o desgraçado. (*Vendo Alfonso.*)

ALFONSO—*vendo Alberto, conclús—indignado.*

E Deos o amaldiçoará!... (*Cruzando os braços medindo-o com os olhos.*)

ALBERTO.

Já te rendeste, já conheces teus males?

ALFONSO.

E vieste de inferno tentar-me ainda, anjo maldito?

ALBERTO.

Ainda és orgulhoso, não sabes, que em breve possuirei essa mulher a quem amas?

ALFONSO—*vacillando.*

Guilhermina?! (*Com firmeza.*) Não... Deos não ha de consentir... oh! ainda serei feliz com ella, e muito feliz sob um céu tão bello, como da patria livre... um anjo nos virá quebrar os grilhões... e... (*hesitando*)—tú, miseravel, morrerás de inveja, como a serpente maldita de Deos lançada nas chammas do inferno.

ALBERTO.

Ilusão!... Tua amante mesmo, vendo que não podes libertar-te... sabes o que é amor da mulher?...

ALFONSO *com dignidade—arreatador.*

Oh! não abuses...

ALBERTO.

Sabias ~~o~~ que desejava essa mulher... o que fizeste?



ALFONSO.

Onde está tua honra e nobreza, traidor?

ALBERTO.

O nobre sabe vingar-se.

ALFONSO.

Tua altivez foi ferida de morte, quizeste restabelecê-la, banhando-te no sangue de uma victima innocente: como o tigre enfurecido nas florestas, mas não como homem. Jámais um vil parricida poderá ser nobre.... (*Carregando na ultima phrase*).

ALBERTO— *enraivecido*.

Senhor?!...

ALFONSO— *com declamação sentenciosa*.

A verdade não tem perfumes. Sou encarcerado, mas ainda me não deixei arrastar para esse negro abysmo, pelo veneno do crime!—Já não és livre.... o que conserva-te fora de um carcere como este, é a minha dignidade e honra: e o que n'elle encerrou-me, foi a traição de um cobarde, a infamia....

ALBERTO.

Oh, é demais, é demais, (*cerrando os dentes*) tanta ousadia, (*como que consultando a si mesmo*) o que deverci fazer?

ALFONSO.

Faze o que poderes, pouco importa si o devas.

ALBERTO— *dando um passo em furor á Alfonso*.

Vê, que posso muito, senhor....

ALFONSO—*com placidez.*  
Queres acaso esmagar-me? Eu t'ó perdoaria.

ALBERTO.

Eu humilhar-me a pedir-te perdão? eu que estou cem vezes acima de ti? Enganas-te l...

ALFONSO.

E o que vieste aqui fazer?

ALBERTO.

Queres que o diga? Arrancar-te a ultima consolação, alguma esperança. que acaso tivessesis, dizer-te.... que em breve serci vingado.... que subirás ao patibulo... (*Sahindo*).

ALFONSO—*como ferido do raio, cahé sentado sobre o leito.*

Satanaz l...

#### SCENA IV.

ALFONSO, só—*levanta-se afflicto procurando uma idéa.*

Condemnado.... a morte l... (*Pausa*) e ella, oh! o que será d'ella? separar-nos para sempre? l... (*Cahé abatido sobre o leito*).

#### SCENA V.

O MESMO E GUILHERMINA.

GUILHERMINA—*vestida de luto entra a passos lentos, trazendo o rosto coberto por um véo preto, e os cabellos soltos.*

Quem habitará aqui? como está frio!

ALFONSO—*desperando.*

Esta voz.... Será possível ?

GUILHERMINA—*apressando-se á abraçá-lo.*

Alfonso.... oh, meu querido esposo ! (*Com transporte.*)

ALFONSO.

Anjo de Deos ! Transforma em céu esta horrivel masmorra !

GUILHERMINA—*em lagrimas.*

Ah.... tu aqui ? !.. (*Abraçã-o-se segunda vez.*)

ALFONSO.

Aqui sim, morrendo de saudade, á um seculo que te não vejo, que a vida a mais pesada me opprime o espirito !...

GUILHERMINA—*pegando-lhe nas mãos.*

Como estás desfigurado, meu Alfonso querido, ah, sabes já que sentença derão-te scelerados, ferozes juizes ? Oh ! (*Escondendo o rosto entre as mãos de horror*), minha vida meu amor, morrerei tambem ! (*Senta-se quasi desfallcida.*)

ALFONSO—*quasi sem poder fallar.*

Sim..... (*Arrancando um profundo suspiro.*)

GUILHERMINA—*levantando-se com um sorriso delirante.*

Vinde Alfonso, como estás bello... (*mudando*) senti muito frio hoje.... tenho medo.... d'elle.... de Alberto !... não o amo... elle é muito máo.... (*Alfonso leva a mão á fronte em desespero*) Tu me amas, és meu.... (*dá um passo*) oh, tambem te amo... mais que nunca. (*Com transporte*) Sou tua.... eu t'o juro nunca pertencer a outro quem

quer que seja a não ser o meu Alfonso. *(Dando um passo)* Juro pela salvação eterna de minha alma....

ALFONSO.

Guilhermina ? !

GUILHERMINA—*continuando dando outro passo.*

Pela alma de minha mãe... Alfonso meu esposo, quanto sou venturosa ? !. *(rindo para o céu)* Mas ah ! *(recuando e repellindo com as mãos)* arrancão-no de meus braços.... levão preso.... á elle... minha vida tudo perdido para mim ! *(cahe, desmaiada na cabeceira do leito).*

ALFONSO—*dobrando o joelho ante Guilhermina.*

Eu perco a razão, meu Deus, quanto é longo o meu supplicio !... *(Apertando convulsivamente a cabeça com as mãos, e tomando as mãos de Guilhermina)* Minha querida esposa, tu deliras, meu coração despedaçá-se de dôr ! Guilhermina, não me ouvires ? *(abraçando-a em desespero)* serei eu o mais criminoso dos homens ?.. *(longa pausa).*

## SCENA VI.

OS MESMOS E CARCEREIRO.

CARCEREIRO—*afflicto.*

Que é da senhora que aqui entrou ? é preciso já sahir.

GUILHERMINA—*dando um gemido.*

Ai ! *(Despertando e tornando ás suas idéas--depois de longa pausa).* Ah ! és tu, meu Alfonso ?

ALFONSO.

Sim, adorada, eu quem te chamo ; morreria de dôr e me não ouvisses.



GUILHERMINA—*com abatimento.*

Estou fatigada e com frio, meu Alfonso.... vamo-nos d'aqui... como não ouviria eu se tu me chamas? morta... do meu solitario sepulchro mesmo, responderia á tua vóz doce e maviosa!

CARCEREIRO.

Que quadro de dôr, o coração mais empedernido seria impossivel não commover-se! (*Chorando*) Senhora, é preciso sahirdes.

ALFONSO—*dolorosamente.*

Minha esposa, é mister que te vás... mais esta dôr me punge, eu a supportarei!...

GUILHERMINA—*resoluta.*

Não... é impossivel deixar-te aqui... não posso!..

ALFONSO.

Não queres? Oh bem, não irás.... ficarás comigo (*Tornando a si*). Mas que digo, ficar para que?.. Fui condemnado á morte... força é deixar-te... Morrer? na aurora de minha ventura? (*Pausa*) Assim querem os homens!

CARCEREIRO.

Mas é preciso sahir.

GUILHERMINA.

Alfonso, meu Alfonso, que dizes? Sonhas com a morte, quando o anjo do Senhor nos vem ungir, quando somos mais venturosos!

ALFONSO—*suspirando.*

Sonho? oh prouvera a Deos que fosse, a terrivel verdade que ora me escalda a mente.... (*Mudando resoluta*).

Vai, vai eu te supplico, anjo de minha vida, deixa-me só : sou eu o condemnado, não quero manchar tua pureza, arrastar-te nas pegadas ensanguentadas de um suppliciado, junto ás bases de um cadafalso ! Voa aos pés de Deos onde acharás o lugar que te é destinado, (*commovido*) morrerei só...

GUILHERMINA.

Ah, pedes. meu Alfonso ? sahirei para não comprometter a este homem. Entrei aqui impellida pelo desespero, contra as ordens das authoridades, a ninguém attendi : estes instantes são preciosos, mas passam-se como um sonho.... meu Deos !

ALFONSO—*afogando a sua dôr.*

Minha Guilhermina.... d'este mundo já nonhuma esperança nos resta ; o nosso thalamo nupcial, no céu nos espera : na terra apenas de longe entrevi a sombra da felicidade, que no mesmo instante desvaneceu-se como uma ~~rosa~~ nuvem ao albôr da aurora

GUILHERMINA.

No céu !

ALFONSO.

Lá não entra satanaz....

GUILHERMINA.

E tu ficas, oh ! (*Abração-se*).

ALFONSO.

Fico gemendo á espera da morte, minha esposa querida, vive e sê feliz ; adeus, talvez para sempre !...

GUILHERMINA.

Ainda tenho esperança.... se a não tivesse só a morte me poderia arrancar de teu lado. Deos e a Santa Vir-

gem me darão forças, adeus!... (*Sahindo—e Alfonso cruzando os braços, com olhar firme e resignado a vê sahir*).

ALFONSO.

Ainda tem esperança... facilmente se illude!... com que angustia aqui fico, oh não quero vê-la!

GUILHERMINA—*da grade com voz desfallecida.*

Adeus!...

ALFONSO.

Adeus!—ultimo, eterno... (*Deixando cahir a fronte sobre o peito*).

### SCENA VII.

ALFONSO E CARCEREIRO.

CARCEREIRO.

Vêde se podeis dormir um pouco, vos ha de fazer muito bem, Sr. doutor, do contrario ficareis muito fraco.

ALFONSO—*sentando-se.*

Não posso dormir, não tenho somno, e que importa a fraqueza.

CARCEREIRO.

Já dêrão tres horas da madrugada.

ALFONSO.

Ainda... oh quanto custa, a vêr-se os raios brilhantes do sol; respirar-se a brisa suave da aurora.

CARCEREIRO.

Agora pelo inverno as noites são mais extensas.

ALFONSO..

E horriveis a passar-se.... mas *(para o céu)* logo serão passadas todas estas penas!

CARCEREIRO.

Pois dai-me licença, Sr. doutor. *(Sahindo—encontra-se com um vulto que mostra-lhe um papel pelo qual o deixa entrar).*

ALFONSO.

Ainda fui feliz em ter este bom homem por carcereiro.

### SCENA VIII.

ALFONSO E O CARMELITA.

O CARMELITA ENVOLVIDO N'UM CAPOTE COM CHAPÉO DE FRADE—CONSERVANDO-SE NO FUNDO DA SCENA.

ALFONSO—*comsigo.*

D'aqui a dois dias já ninguem se lembrará de mim, *(o frade caminha lentamente na direcção de Alfonso)* o panno cahindo, cerrará este drama *(pausa)* Amigo... o que é amigo ? não é mais do que o homem cujo interesse e felicidade por circunstancias casuaes depende de nós; só o egoismo, o sordido interesse exerce seu imperio absoluto sobre os homens! Talvez que a esta hora mesmo, os que se dizião mais intimos amigos já se não lembrem e nenhum interesse tomam pela sorte d'esse desventurado mortal, temerario brasileiro, altivo de mais para



ser escravo, mas nobre Alfonso de Moura! (*Levando a mão ao peito*).

CARMELITA—*aproximando-se e proseguindo no mesmo tom,*

Nobre e corajoso, mas que no excesso da dôr pôde enganar-se.

ALFONSO—*levantando-se ligeiramente.*

Vós, meu tio? (*Abração-se*).

CARMELITA.

Sim. Vós é que já esquecestes ao pobre Carmelita, que a mais de duas horas vos está observando e esperando, para fallar-vos.

ALFONSO.

Viste Guilhermina!

CARMELITA.

Vi e de longe acompanheia-a até a casa.

ALFONSO—*sentando-se.*

Obrigado, meu tio, mil vezes obrigado. Deos sómente, que vos concede a existencia é quem vos pôde recompenzar tantos beneficios! Já nem sei como existo, falta-me o ar, a respiração; (*tomando-a com força*) seria melhor soar já a ultima hora da minha existencia em que vou libando até a ultima gôta o calix do amargura!... (*Pausa*). Vós unicamente, meu tio, podeis preencher o lugar de meu pai n'estes instantes solemnes derradeiros de minha vida.... meu pai!

CARMELITA.

Preenchê-lo pudéra eu dignamente.... (*Depois de longa pausa*). Tranquillisai-vos, não maldigais vosso destino;

Deos a ninguem desâmpara nas provações, porque Elle é quem nol-as dá.

ALFONSO —*resignado*.

Conheço. Mas Guilhermina, minha mãe, é minha afflicção e o que peza-me deixar? Em quanto a patria, oh? deixo-a a verdadeiros corações brasileiros, não farei falta....

CARMELITA.

Quanto a ellas decançai, Deos as guardará.

ALFONSO.

Como pudestes penetrar até aqui?

CARMELITA.

Offerecêndo-me a prestar-vos os soccorros de um confessor.

ALFONSO —*suspirando*.

Restão-me então só tres dias.... e sabeis quem fez tudo isto?

CARMELITA.

O mais vil, e mais indigno dos homens, Alberto, querendo vingar-se não achou outro meio que o de accusar-vos, abusando da confiança da nossa tão nobre associação. Enviou ao capitão general em carta anonyma a ultima resolução que déstes para examinarmos maduramente, achando-se a vossa assignatura, como presidente; perdendo assim a vossa pessoa deixou ignorado os nomes dos mais associados, o que S. Ex.<sup>a</sup> pretendia saber de vós, embalde, porque a honra e nobreza vos fizeram calar esses nomes e até o do vosso inimigo, o que esperavamos. Alberto é já conhecido traidor em o nosso sagrado club. Fôstes condemnado á morte; esperão esses vós carniceiros, sentados á cúpula do poder, ter a gloria de vêr subirdes ao alto de um cadafalso!

ALFONSO.

Já eu esperava. Malditos sejam os homens, que semelhantes a feras estão prestes com frieza e indiferença a estrangular o desgraçado que lhes venha as garras!

CARMELITA.

E' isto o resultado da imprudencia. Deviamos ter escolhido para a nossa empreza, homens de um caracter firme e inabalavel, de cujo valor tivessemos provas conhecidas, dispensando essa nobreza dada impropriamente, porque os nossos bravos com a corôa de louros defendendo a patria, a terião da mais alta! Eis o nobre com este caracter vil e mesquinho. (*Mudando.*) Esperai porém em Deos, que tudo póde, ainda frustraremos tão infames attentados.

ALFONSO.

De que modo, alguma sublevação do povo? Para reunir as nossas tropas já não ha tempo.

CARMELITA.

Por um meio mais seguro e prudente, o Sr. conde da Palma não é tão habil que o alcance, convém porém ignorardes. Quem em Deos confia e n'elle espera nada lhe é impossivel; tudo faremos.

ALFONSO.

Mas aqui já nenhuma esperanza resta; quereis alliviar mihas penas com uma enganosa esperanza, até que chegue a hora final: como a uma criança? é inutil.

CARMELITA.

Esperai, disse-vos, e vereis.



ALFONSO.

Só a morte, é meu dever esperar, firme e resignado como um fiel soldado!... Oh, patria querida, possa de minha quédá levantar-se um braço mais vigoroso e feliz para quebrar-te os grilhões, arrancar-te do jugo que ora audaz punge teu coração dilacerado de amargor e vergonha!... *(Pausa)*. Alfonso, que substituirá a seu pai, mais infeliz que aquelle, tombou nas primeiras provas de valor: de suas cinzas porém surgirá um phantasma, que nigromante saberá colher alguns louros de sobre o seu tumulto, com cuja corôa rebentando o arrocho da patria, depois de combater e esmagar sob suas plantas braza-doras o desmontado Portugal, ornará a sua testa triumphante. *(Ao céo)*. Oh! Deos Omnipotente, sellai as minhas palavras e ungi a minha lingua!...

CARMELITA.

Deos, que ora nos ouve, meu filho, vos legará a espada defensora da liberdade fulminando aos tyrannos. Ainda arrasando o edificio do malefico genio das trévas, como nosso chefe, elevareis ante as áras sagradas a corôa dos livres povos brasileiros, prendendo milhares de corações nobres com laços de amor e gratidão eterna, e clareis nossa felicidade firmada no apoio do Omnipotente!...

ALFONSO—*com abutimento*.

Ah, tenho sede, dai-me um pouco de agua.

CARMELITA—*indo á meza*.

Deveis estar com a natureza alterada, e debilitado. *(Entornando uma bilha d'agua no copo enche-o—á parte.)* Nenhum instante a perder que nem sempre o acharei tão propicio. *(Tirando da manga um vidrinho do qual derrama no copo algumas gottas de um narcotico e traz á Alfonso)*. E' boa esta agua, deve estar gelada com o frio.

ALFONSO—*tomando-a.*

Oh, que bella agua, refrigera-me o coração, acalma esta dôr intensa que parece incendiar-me a alma.

CARMELITA—*pondo o copo sobre a meza, volta.*

Meu caro amigo, não desesperéis das coisas, é agora que deveis mostrar coragem, grandeza alma! Preciso retirar-me, são já quatro horas, (*venlo o relógio*) logo amanhece e convém que o vosso carcereiro me não conheça.

ALFONSO.

Já me deixais, meu tio? Não sabeis quanta coragem e socego; tem-me inspirado vossa companhia, vossas palavras....

CARMELITA.

É porque vos faço lembrar de Deos, e minhas palavras são as verdades eternas, unicas que tem força de consolação nas aflicções. Ver-nos-hemos antes de vinte e quatro horas, se Deos quizer. Adeus. (*Abração-se*). Firmeza e esperança....

ALFONSO.

Adeus.... (*Sahe o Carmelita*).

## SCENA IX.

ALFONSO—*só.*

(*Deitando-se*). Sinto que chega-me o somno. Por quantas phases hei passado esta noite? Oh, quanto é tudo precioso n'este mundo? em que instante se aproximão os horrores da morte, esse transitio fatal de desespero para o mundo, onde desponta uma existencia nova, a vida, a vida além tumulo.... onde lamentamos o passado e amamos o futuro.

tencia amarga como o fêl, perdida como um sôpro! Só a virtude, precioso thesouro, mystico brilhante, no céu ou na terra, sublime em toda a parte! (*Mudando*). Descanemos de tantas fadigas (*Dá um suspiro depois de longa pausa*). Parece-me estar vendo... o céu... entre-abrir se... (*com voz arrastrada*) esquecer tudo... e que anjos são aquelles?... trajão de azul... oh eu a vejo!... eil-a... eil-a... que vem para mim!... de candidas vestes... com a corôa da virgem; vem, vem, meu encanto... trajais de noiva... oh abraça-me...

### SCENA X.

O MESMO E CARCEREIRO.

CARCEREIRO.

Já estará dormindo. (*Aproximando-se*).

ALFONSO.

Oh... eu.... mor...r....o... Guilhermin.... (*Dá um longo suspiro*).

CARCEREIRO.

Está dormindo e sonhando... (*chegando em frente*). Mas não respira... e... está tão pallido! (*Chamando*). Sr. doutor, Sr. doutor.... Ui!... nada! E o coração já não bate... está morto... (*Observando-o com pausa*) Vou chamar gente. Ah, Sr. Gonçalo de Moura, quando pensarieis que fizestes beneficios a serpentes... áquelles que depois se lisongearião de ter assassinado a vosso filho! que o purarão n'este inferno para acabar d'esta maneira!... (*Pausa*). Honrado Paulista, (*para o céu*) Deos vos tonha em sua gloria, coroado de tanta virtude e reunido hoje a vosso filho.... oremos pela sua alma.... (*Sahindo*).

SCENA XI.

ALBERTO e FERNANDO—PASSADOS ALGUNS SEGUNDOS.

ALBERTO—á *Fernando*—ambos entrando.

Que diz elle, será possível? Affianço-vos que se Alfonso se fingisse morto tinha escapula, pois aqui só e com a grade aberta.

FERNANDO.

Vejamos, é possível que morresse. (*Aproximão-se.*)

ALBERTO.

Qual, este carcereiro é um idiota. (*Mudando ao vêr a Alfonso*) Mas não; está tão pallido! Será da prisão? Aiuda; hoje não estava assim. (*Vai a tomar o pulso.*)

FERNANDO.

Estará dormindo.

ALBERTO—*horrorisado de si mesmo.*

Oh! eu tremo.... (*Evitando vê-lo—depois com sorriso satânico*). Não tem dúvida, está consumada a minha ventura.

FERNANDO.

Morreu....

ALBERTO.

O carcereiro não se enganou. (*Com enthusiasmo*) Oh! D'aqui a pouco será minha essa mulher que tira-me! o socego e o somno, Guilhermina! Quanto sou feliz o (*Convulso de prazer*). Muito bom, correu tudo à mil ma.

ravilhas;—e agora... um dos mais poderosos do nosso club, serei nomeado chefe, e depois?... (*Exaltando o en-*  
*Ausência ao mais alto grão*). O soberano senhor da capitania de S. Paulo! Oh, que vastíssimo espaço tenho a correr na America... não me faltão intelligencia, oiro e poder, que brilhante futuro, e meu nome será conhecido da posteridade!

FERNANDO—*á parte.*

E eu traidor, para ficar no olvido como sempre!

## SCENA XII.

OS MESMOS, DR. CERANTY E O CARMELITA.

DR. CERANTY.

Então, está morto o homem, Sr. Alberto.

ALBERTO—*simulando tristeza.*

Parece que sim, Sr. doutor.

DR. CERANTY—*examinando o pulso.*

Não ha duvida, está morto, pobre moço!

ALBERTO.

Quem sabe se algum desmaio e.... inda voltará, não será bom esperar?

DR. CERANTY.

Só voltará ao campo de Josaphá no juizo final. Pódem sepultal-o... (*Grave a todos*) E ficão frustrados nossos trabalhos, oh, desgraçados povos brasileiros, quando sereis libertados das sanhas de tão ferozes verdugos? quando se findará teu máo fado? Nós que somos patrioticos, chorêmol-o, porque bem difficil sêr-nos-há encontrar igual valor,

perseverança e habilidade! Uma lagrima sobre seus venerandos restos!... (*Elle e todos levando o lenço aos olhos*).

FERNANDO—indo á grade. *e voltando*

Já mendei vir um esquite.

CARMELITA em pranto.

Morto ainda tão joven, meu sobrinho!... (*Resignado*).  
Alto juizo de Deos! Ha de ser enterrado no convento do Carmo, hoje mesmo, aqui está uma ordem. (*Dando a Fernando um papel*).

FERNANDO—depois de lér em voz baixa.

Não tem duvida.

ALBERTO—em pranto.

Meu bom amigo!

### SCENA XIII.

ENTRÃO QUATRO SOLDADOS COM UM ESQUIFE NO QUAL DEIXÃO A ALFONSO, COBRINDO-O COM UM PÁNNO PRETO.

CARMELITA—á parte.

E minha irmã, ainda esta dôr a supportar! as calamidades os perigos obrigão-me a occultar lhe a verdade; (*para o céo*) dai-lhe forças, meu Deos!

FERNANDO—ajudando a cubrir a Alfonso.

Não se recommenda já.

CARMELITA—soluçando.

Na igreja do Carmo. Nem tenho animo de vê-lo....

*(Ouve-se da parte de fora gritos de uma mulher).*

Não... não o hão de levar sem eu vê-lo... deixem-me entrar quero dizer-lhe adeus!...

FERNANDO.

E' uma impiedade não deixal-a entrar.

#### SCENA XIV.

OS MESMOS D. MARIA, SIMÃO E O CARCEREIRO.

D. MARIA—*em pranto com os cabellos em desordem.*

Elle... onde está elle?... quero vê-lo...

FR. IGNACIO—*dando um passo a enconral-a.*

Minha irmã?!

D. MARIA.

Quem quer que sejais não sereis barbaro, deixai-me dizer-lhe o ultimo adeus... *(Aproximando-se ao feretro dá um grito de dôr recuando um passo).* Oh!... sil-o...: morto... meu filho?!... *agarrando-se a seu filho fica desmaiada).*

SIMÃO—*ajoelhando-se ante o feretro:*

Meu amo?! *(Ouve-se em silencio os soluços dos circunstantes).*

CARMELITA.

Valei-nos, meu Deos, não a desampãreis!...

ALBERTO—*á parte.*

Assim o quizestes.



FERNANDO.

Desgraçada mãe, pobre filho! Deus teve piedade, quiz salvá-o da ignominia!...

CARCEREIRO.

Antes morrer do que ver isto! (*Fr. Ignacio tira D. Maria de sobre o feretro, apoiando-a sobre o leito.*)

FERNANDO—aos soldados.

Soldados, conduzi-o á igreja do Carmo. (*Estes tomão o feretro e o conduzem, caminhando lentamente, terá o grupo chegado á grade.*)

D. MARIA—despertando.

Onde estou? Que é isto, será sonho? (*Encarando o feretro—arranca do coração um grito de dôr e desespero.*) Ah! não é sonho.... ali vai elle.... (*Dando um passo em desordem*) em ferros.... roubarão-m'o.... (*Apertando a cabeça com as mãos*). Morto.... perdido.... (*com voz sumida*) meu filho?!... (*Cahe em deliquio sobre o leito.*)

SIMÃO.

Tudo foi-se-me.... tudo.... de uma vez perdido!... (*Chora.*)

CARMELITA.

Deos meu, Virgem Santa.... (*Indigitando a D. Maria ainda desmaiada*) Misericordia por quem sois!...

(*Cahe lentamente o panno.*)

FIM DO ACTO TERCEIRO.

---

## ACTO. QUARTO.

### A SOMBRA,

---

O Theatro representa a mesma sala do primeiro acto, os mesmos ornatos &c.

#### SCENA I.

SIMÃO só—*espanando alguns moveis.*

(*Pára*) Já estou bem velho, pois cango-me com qualquer coisa, preciso já trabalhar com mais moderação, d'antes não era assim. Quando tomava eu por minha conta uma cavalherice, oh, era um gosto, via o defunto patrão então seus cavallos gordos luzidos, que fazia inveja: (*mudando*) tambem estava eu nos meus trinta annos, com toda a robustez da saude. Como está hoje tudo mudado! (*varrendo*) Trabalhemos, trabalhemos que está se fazendo tarde, depois.... (*parando*) Fazem já dois mezes que morreu o Sr. Alfonso... tão criança, e eu quanto senti? (*varrendo*) amava aquelle menino como se fôra meu filho, tambem era tão bom e me estimava muito; era a flôr d'esta cidade. Foi bom Deos o levar logo, porque livrou-o de morrer n'um patibulo; um joven da mais nobre e honrada familia d'esta cidade! (*enthusiasmando-se*). Até quando governará a nossa terra este vergonhoso despotismo? quando se acabará tanta impiedade e herezia (*com*

a maior força de expressão) antes eu nunca existisse n'esta vida, para não vêr esta pouca vergonha!. (*mudando de tom e varrendo*) E que remedio hade dar um pobre camarada como eu? tomára poder ou cuidar nas occupações cá da familia, e agora que estão as coisas bem complicadas... (*meditabundo*) Todas as noites alguém ha que passeia por esta sala, e canta, ou geme... Por vezes tenho resolvido affrontar essa sombra quem quer que seja, mas.... é impossivel; fica tudo isto aqui bem afferrolhado e acha-se no dia seguinte da mesma fórma; d'este mundo parece não ser, pois seria impossivel aqui entrar sem deixar alguma janella ou porta arrombada!..

SCENA II.

O MESMO E ALBERTO.

ALBERTO—*batendo á porta.*

SIMÃO.

Quem será? (*vai abril-a*) a estas horas poucas visitas se fazem (*abrindo-a*) oh! o Sr Alberto...

ALBERTO.

Elle mesmo... vai dizer que desejo fallar á Snr.<sup>a</sup> D. Maria.

SIMÃO.

Participo-vos que a Snr.<sup>a</sup> D. Maria não pódo hoje fallar a ninguem, nenhuma visita pódo receber.

ALBERTO.

E' isso ó de menos, e D. Guilhermina?

SIMÃO.

Da mesma sorte.

ALBERTO.

Atreves-te a dizer-me isto, marôto? ainda me não conheces? queres chêrpa, ahí tens (*dando-lhe algumas moedas.*)

SIMÃO—*recuando espavorido.*

Eu? (*Batendo no peito.*) Faltar com o meu dever á Snr.<sup>a</sup> D. Maria, por dinheiro?... Estais muito desencontrado Sr. moço.... nem todos andão á cata de dinheiro, ainda ha virtude e nobreza na terra... Já vos disse o repito, as senhoras não recebem visita alguma hoje.

ALBERTO—*insinuante.*

Pois nem a minha, mestre Simão?

SIMÃO.

Seja lá de quem sôr, nada tenho eu com isso.

ALBERTO.

Não me mates a paciencia : sabes que Alberto é muito rico e poderoso, nenhuma porta se lhe fecha, a todas abre quando quer com suas chaves de oiro... sabes tambem que a uma vontade sua póde ser preso para sempre e riscado mesmo do numero dos vivos, um misero domestico...

SIMÃO.

Dizei o que quizerdes....

ALBERTO—*altivo.*

Então animal vás ou não?

SIMÃO—*esforçando-se.*

Sabei também, Sr. Alberto, que não é o deslumbrante brilho do ouro nem os horrores da morte, que me arrancarão do trilho da honra e do dever, onde encanecirão meus cabellos, para imitar a vilania de um Sr. Alberto, e outros que por brincadeira o fazem.

ALBERTO.

Insolente !

SIMÃO.

A Snr.<sup>a</sup> D. Maria assim ordenou-me, e é meu dever cumprir a sua ordem, não sou ingrato ainda que um pobre velho camarada que para nada preste, não hei de deixá-la quando mais precisa de mim ; mas sim obedecer-lhe fielmente. Fazei o que dictar o vosso capricho, o que fizeste com o Sr. Alfonso.

ALBERTO.

Desgraçado !...

SIMÃO.

Arrastai-me ao cadafalso... despedaçai-me....

ALBERTO—*dirigindo-se á porta que dá para o interior.*

Entrarei por força.

SIMÃO—*resoluto antepondo-se-lhe.*

Passareis primeiro por cima de meu cadaver....

ALBERTO--*enfurecido—ameaça-o com um punhal.*

Vê, que se fôr preciso.... envio-te para o inferno, fzebut...

SIMÃO.

Assassinai antes a este velho cabôclo....

ALBERTO—*serenando e guardando o punhal.*

Matar-te.... (*Rindo amargamente*) para que? tenho pena de ti. Tambem queres lançar tuas cartas ao azar, desmiolado?... (*Olhando-o com desprezo—sahe*).

SCENA III.

SIMÃO—só.

Não é sem razão que anda este pobre moço todo emproado, suppõe ter tudo, que n'esta vida se obtém tudo a pezo de oiro? Enganas-te, ainda não conheces o mundo em que vives, pobre criança aonde irás assim? (*Mudando*). D'ahi talvez que seja eu o enganado; quasi que está hoje tudo corrompido....

SCENA IV.

OS MESMOS E D. MARIA.

D. MARIA—*de luto.*

Que fazes, Simão? meu irmão inda não veio.

SIMÃO.

Ainda não, minha senhora.

D. MARIA.

São já oito horas, vêm-se aproximando a hora do terror.... tantos trabalhos tenho passado, não sei onde tudo isto irá

dar! Meu filho.... mal havia chegado para adoçar-me o horror que tenho á vida, apenas tinha eu perdido seu pai, quando o vi em ferros, encarcerado, condemnado á morte l... Tudo perdido á um só tempo, não sei d'onde vem-me forças para supportar com vida tantas decepções l... e ainda todos os dias de meia noite em diante, d'esta sala, um gemido lugubre e melancolico se deixa ouvir, oh, tão triste, que faz-me crriçar os cabellos de horror.... o que mais será, que nova sélta me repassará de dôr? (*Pausa*). Sinto que não vivirei muito, hoje.... ámanhã.... ou qualquer dia findarei a misera existencia! Minha filha.... o unico objecto que prende-me á terra, a quem deixat-a? quem cuidará de sua felicidade como eu? Exposta a tantos perigos e traições d'esse depravado Alberto.... quem sabe?—nova desgraça se me prepara.... não sei, mas então, já forças não tenho para tanto; a morto será mais doce, um allivio. (*Pausa*). Meu adorado filho.... quando me lembro já não tenho lagrimas para derramar....sinto no coração uma dôr intensa inaturavel.

SIMÃO—á parte.

Não tarda a loucura....

D. MARIA.

Meu Alfonso, meu filho querido! alegria de minha alma, esperança de minha vida, morto l... Oh! é um sonho.... não.... (*Pausa*). Vem, meu esposo, onde estás? Vem vêr os restos de teu filho, choral-o comigo.... (*Pausa*). Ah! já me não ouvem e não lembrão-se do mim, misera mãe l... estão engolphados em delicias, e aqui doixarão-me solitaria; estarei morta, será isto tumulo?

SIMÃO.

Sempre assim.... corta-me o coração.... (*Sahe*).



SCENA V.

D. MARIA—só.

Vinde meu filho, meu esposo viveremos, todos juntos n'uma santa ventura, amar-vos-hei com toda a força de meu coração.... (Pausa) Oh !... (indicando um lado da scena ao acaso e observando attentamente como quem segue com os olhos a um objecto). Esta sombra... será ?.. mas não ?.. elle não era assim (Ouve-se uma canção no subterraneo a que D. Maria escuta com toda attenção).

Infeliz—sou como a sombra  
Que triste percorre o chão !...  
Vivo só d'uma esperança  
Que me emballe o coração !

D. MARIA.

Que voz maviosa ! será a sua ? Que mysterio é este ?

Mas em breve como um astro  
Vagando em região perdida,  
Chorarei magoas passadas  
No seio da mãe querida !

D. MARIA.

Que gemido triste, parece sua voz (com delirio) mas não ? ! morreu foi-se para sempre ! se eu podéra ter morrido por ti, oh meu filho ? que importava a minha morte ?

SCENA VI.

A MESMA e GUILHERMINA.

GUILHERMINA.--*de luto com os cabellos soltos vem a D. Maria.*

Eu ouvi a sua voz minha mãe ! Elle, elle que o perdi.... malfadado.... elle que esperava a ventura no céo ! geme... será ainda desgraçado ? Oh... Deus não é injusto !.. *(Pausa)*. Mas que encanto é este ? Foi illusão, elle morreu !.

D. MARIA.

Não... não é illusão ; eu tambem ouvi uma voz.... e quem sabe ? *(em desmayano)* já fui accommettida da loucura...

GUILHERMINA.

Vamos dormir, minha mãe, já váe sendo muito tarde ; estais vos fatigando, isso poderá arruinar a saude.

D. MARIA.

Q'importa a saude menina ? logo deixarei o mundo aos que podem gozal-o... ouvi distinctamente essa voz doce e melancolica que assemelha-se á do meu Alfonso ; parece mesmo echoar no fundo do sepulchro ! oremos pela sua alma.

GUILHERMINA.

Já tenho tambem por vezes ouvido o écho lugubre d'essa voz que mais parece gemido, isto faz-me pasmar... mas já vejo que acontece ; não póde ser illusão, porque ouvimos nós ambas. Oh ! se eu pudesse descobrir !

D. MARIA.

Se o ouvisses de perto, como eu ainda agora, Guilhermina.... sua canção tem uns versos tão tristes, não os sei repetir.

GUILHERMINA.

Se os ouvisses de perto nunca poderia esquecê-los.

D. MARIA.

És menina, conservas boa e fresca a memoria, porém eu? tenho-a já muito cançada, sou velha...

GUILHERMINA.

Não penseis assim minha mãe; vós sois muito desanimada. Ainda tendes o olhar vivo e penetrante, vosso semblante não mostra a velhice que dizeis.

D. MARIA.

És lisongeira, menina, estudaste a arte de agradar; não é má para obter-se particular estima e predilecção de alguma pretendida.... mas sabes que para desengano dos velhos é bastante que se lhes mostre a superficie de um espelho.

GUILHERMINA—*magoadá.*

Sois injusta, minha mãe.... seria lisongeira a pessoas que me fossem indifferentes e faceis, porque assim o querem, mas a vós?

D. MARIA.

Está bom. E' já tarde e nada podemos fazer, vamos deitar-nos, bem me ha de custar a dormir, em fim como um remedio eu o procurarei ao menos. E demais meu irmão hoje não quiz vir cá á noite, estaria com suas occupações.

GUILHERMINA.

Deixou talvez para vir amanhã—vamos. (*Ambas sahindo—levão as luzes ficará escuro o scenario*).

SCENA VII.

COMEÇA DE VEZ EM QUANDO A TROVEJAR AMEAÇANDO TEMPESTADE ;  
DA' MEIA NOITE N'UM RELOGIO.

A SOMBRA—*sahindo do subterraneo envolvida n'um capote.*

Meia noite.... (*Passiando lentamente*). Todos dormem esquecendo o cansaço da vida. Fazem dois mezes que estou morto para minha mãe, minha esposa, e meus amigos.... muito tem elles soffrido, porém muito mais eu ; quando se acabará tudo isto ? Ouvindo sempre o pranto e desespero de minha mãe, os gemidos de minha esposa, que repassão-me de dôr o coração sem poder dar-lhes algum remedio.... dia e noite aqui passo encerrado n'esto frio e silencioso subterraneo ! Oh ! se ellas me vissem.... se eu lhes pudesse dizer que ainda vivo.....sim.... aliviaria suas magoas, tanta amargura e eu ?.. tão feliz ! oh ! não me perderião, não. (*mudando*) Mas não, não saberião dissimular sua alegria, o susto as poderia matar..... tudo advinharião meus inimigos e então ?... impossivel ser-me-bia escapar. (*pausa*) Eu aqui vélo cuidadoso—sobre suas vidas, talvez necessitem bem de minha protecção ; é um braço forte que as defende com paixão ! Alberto de tudo é capaz. Meu tio poucas vezes póde aqui chegar, e que resistencia pódem oppôr frageis mulheres desamparadas a um velho amigo ? é mister que estejamos vigilante. (*Mudando*). Fr. Ignacio.... oh, meu tio, quanto vos devo ? Salvaste-me a vida e a honra !... Se não fôras tu como noderia uma pobre mãe supportar tanta dôr e trazer estampada na fronte a infamia de seu filho ?... Alfonso, o filho de um honrado Paulista, seria o lullibrio d'esses miseraveis perdendo a vida e honra de sua casa no alto

de um cadafalso!... grande Deus, salvaste-nos... (*Longa pausa*). A esperança alenta minha alma, ainda serei feliz.... (*Mudando*), e talvez... quem sabe ainda?... o homem põe e Deus dispõe... (*os trovões cada vez mais fortes*) Velarei.... até que venha a mão do Eterno desviar de nós tantos males! para isto hade haver um fim: o mesmo Filho de Nazareth que por momentos gozára no Tabor libou a ultima gôta de amargura no cume do Calvario! (*Senta-se junto à meza*). Já desesperado teria tentado contra a existencia, se não houvera a esperança da felicidade.... de ainda em um dia decantar em doces carmes as glorias da patria, a nossa liberdade!

SCENA VIII.

O MESMO E SOPHIA—A TEMPESTADE CONTINUA.

SOPHIA—*entrando indecisa e apalpando.*

Tudo escuro.... será possível?

ALFONSO—*á parte.*

Ouçõ vóz.... quem será?

SOPHIA.

E' esta a hora da sombra.... mas affirmou o Sr. Alberto que era elle quem fazia isto, já não tenho mêdo.

ALFONSO—*á parte.*

Sim, teve essa habilidade.... comprehendo.

SOPHIA.

Mas hoje está tardando, já deu meia noite.

ALFONSO—*á parte.*

Novo trama, ahí temos....

SOPHIA.

Segundo o que disse-me, já aqui devia estar.

ALFONSO.

Uma visita à meia noite....

SOPHIA.

Pedio-me que aqui o esperasse, mas.... já estou arrependida, deixar roubar a Snr.<sup>a</sup> D. Guilhermina.... ah, não....

ALFONSO.

Um rapto ?

SOPHIA.

Eu lhe direi que não, lhe pedirei. Para desposal-a ainda prestar-lhe-hei algum auxilio.

ALFONSO—*á parte.*

E' a protectora.... bom.

SOPHIA.

Mas roubal-a ?

ALFONSO—*á parte.*

Que mal faz ?

SOPHIA.

Oh, não; é muito duro.... (*Cahindo perto um raio*).  
Oh ! está forte a tormenta : por certo elle não vem hoje....

ALFONSO—*á parte.*

Não convém-me a tua presença.

SOPHIA.

Esperemol-o mais um pouco.... (Alfonso tomando um objecto de sobre a meza, bate com força sobre a mesma; —Sophia assustando-se, recolhe-se com pressa). Ah! não é elle....

SCENA IX.

ALFONSO—só.

Pouco tardará, oh! realisarei meus sonhos, (abre a janella deixando-a cerrada) entrará assim mais facilmente e eu o terei em meu poder. (Voltando—senta-se junto á meza). Diminuir-se-hão em grande parte os meus cuidados. (Empurrão com força a janella pelo lado de fóra). Oh, bem! eil-o que chega. (Salta pela janella—Alberto).

SCENA X.

O MESMO E ALBERTO—TRAZENDO UMA PEQUENA LANTERNA, CUJA LUZ NÃO ALCANÇA ALFONSO.

ALBERTO—á um pagem na janella.

Espera-me aqui, logo voltarei; os cavallos que estejam bem unidos á janella; áperta, não me deixes entrar aqui ninguem nem tu, embora ouças alguns gritos.

ALFONSO—á parte.

Muito bem.

ALBERTO—vindo ao meio da scena.

(Com riso satanico). Dizem que é este lugar aqui assombrado, será a alma do nosso bom Alfonso, que vem fazer as honras phantasmagoricas á sua noiva, vem ainda zelar de sua nobreza.



ALFONSO—*á parte.*

E não te enganas.

ALBERTO.

Ah! bem longe d'aqui está o desgraçado dormindo o somno eterno. Já não ha obstaculo a vencer, feliz que eu sou! (*Batendo no peito*). Tudo emprehendo, tudo alcanço, embora com auxilio de satanaz, qu'importa? ávante... (*A tormenta continúa fortemente*). O unico homunculo que guarda a casa é o velho Simão, cão fiel, mas já inutil, ter-me-há pelo alma de seu bom amo, envolverá a volumosa cachóla nos lenções e adeus... Hora dos mortos, em que aterrados emmudecem os homens ao bramir horrendo dos elementos, que rasgão as entranhas da terra, protegido pelo negrume da noite, illuminada minha alma pelo pharol e estampido do raio e da tempestade!... Oh!... ninguem saberá quem foi o autor d'isto, está a nossa heroína e toda a gente da casa em profundo somno e desamparo!... onde está o zelo de seu tio e do seu extremoso amante? agora sem um braço que a defenda!

ALFONSO—*á parte.*

Que a defenda....

ALBERTO—*procurando a porta do interior.*

Entremos, onde estará esta porta.

## SCENA XI.

OS MESMOS E SOPHIA.

SOPHIA.

Oh, o Sr. Alberto já veio?

ALBERTO.

Oh sim, estás ahí, Sophia? guiai-me, onde está ella?

SOPHIA.

Pois com esta noite tempestuosa, o senhor não teve medo?

ALBERTO.

Guiai-me ao seu leito, quero abraçal-a, leval-a comigo...

SOPHIA.

Mas hoje.... não é melhor deixar para amanhã?

ALBERTO.

Não é possível, está tudo prompto, quero partir hoje mesmo.

SOPHIA.

A noite está horrível....

ALBERTO.

Hei de disputal-a, ainda que seja mister descer aos infernos, atravessar as regiões de satanaz!

ALFONSO—*á parte.*

Ao inferno descerás.

SOPHIA.

Mas hoje não pôde ser, está doente quereis matal-a?

ALBERTO.

Antes d'ella morreria eu. Saberei defendêl-a.

SOPHIA.

Não podeis hoje levá-la, eu vos peço, Sr. Alberto.

ALBERTO.

Já te revoltas contra mim também!

SOPHIA.

Poupei-nos essa dor por hoje ao menos, por quem sois....

ALBERTO—*enfurecido.*

E' esta a fidelidade que prometteste-me?

SOPHIA.

Só por hoje. Juro ser-vos sempre fiel.

ALBERTO—*indo para o interior da casa.*

Irei só, excommungada, os demonios te carreguem.

SOPHIA—*á parte.*

Eu mesmo causei isto... mas hei de vingar-me, descu-  
brindo tudo. (*Sahe*).

## SCENA XII.

ALFONSO—*só.*

Deixê-mol-o correr inflamado por suas paixões: vai...  
d'esta vez não me escaparás também, o leão está solto em  
sua cova, a prêza vaga incerta e nas tróvas! Te arrojaste  
no meu poder ás minhas garras impellido pelos desti-

nos, que? pela mão de Deos... E's o motor de minha desventura; trama sinistro e horrivel urdiste contra minha felicidade, devotaste-me todo o odio que pudeste chamar dos condemnados das trévas, fizeste-me guerra atroz e encarnizada, e o pobre Alfonso descuidoso succumbio á tua astucia l... D'esta vez não é o encarcerado, não fallas a Alfonso o trahido! (*Pausa*). Agora, depois de tudo, das cinzas do esquecimento, se eleva a sombra de teu rival á altura de um homem para frustrar-te tão mostruosos designios, obstar-te o mais horrivel dos crimes! (*Pausa*). O morto vencerá ao vivo... sim, ficarão ellas livres e tranquillias: ao traidor chegou tambem sua vez... não será o castigo de teus crimes porque esse, (*grave e lento*) per-tonce a Deos! mas cairás na laçada que armaste, como eu terás uma esperança de liberdade, gozarás de tuas mesmas obras, viverás encerrado, como uma féra encorrentada junto a mim vigilante: (*ironico*) é justo que participes de minha ventura.... (*Ouvem-se gritos do lado onde entra Alberto.*)

Minha mãi, soccorro! soccorre. ..

ALFONSO—*ouvindo.*

Oh, é a vóz d'olla, de Guilhermina; inspira-me forças sobrenaturaes. (*Tirando do cinto uma pistola examina-a convulso de raiva*). Bem, estou prevenido. (*Fecha a janella pela qual entrou Alberto e dirigindo-se á porta que communica o interior*). Vem misoravel, que te espero a meus braços. (*Guarda a pistola e arranca do seio um punhal*).

D. MARIA—*em gritos do mesmo lado.*

Minha filha, minha querida filha onde estas? oh quem a leva, o unico bem que possuiu na terra? quem haverá tão cruel? Deixai-m'a, deixai-m'a, quem quer que sejais, é o consólo unico que me resta!

ALFONSO—*contendo-se.*

Enviai-m'os. meu Deos, tende piedade de mim.... (*Recua da porta*).

SCENA XIII.

O MESMO, ALBERTO e D. MARIA.

ALBERTO—*conduzindo a Guilhermina desmaiada, nos braços.*

Eis-nos, onde estás, Fabricio? (*Apalpando incerto*). Chega-te cá, com os demonios, que escuridão. (*Procurando a janella*).

ALFONSO—*á parte.*

Erras.... já não como o tigre nas florestas, nem como a serpente em desertos areas; mas como a prêza ante o leão, satanaz lançado nas trévas!

D. MARIA—*ajelhando-se na porta.*

Por piedade me não arranqueis dos braços; matai-me quero antes a morte.... (*Pausa*). Tendo compaixão de uma pobre e desventurada mãe! Meus prosagios.... Meu Deus !...

ALBERTO—*afflicto.*

Onde fica esta maldita janella? vejo tudo escuro, dá-se acaso?... mas é impossível, ah desgraçado Fabricio, então quem sou eu?

D. MARIA.

Piedade, senhor, ouvi-me....

ALBERTO—*em furor.*

Ouvir o que, maldita ave agoureira? Morre, segue a teu filho.

D. MARIA.

Ah !... *(Cae desmaiada).*

ALBERTO—*continuando.*

Quem não tem bastante oiro e poder não deve viver,  
o que mais fazes, quem mais te ouvirá ?

ALFONSO—*intervindo com voz vibrante.*

Eu !... o que pretendes, vil traidor, assassino ?

ALBERTO—*como ferido pelo raio e despertando immedia-  
mente do terror.*

Traição ?... tudo perdido ? !...

ALFONSO—*levando-o ao sophá pelo braço.*

Depõe tua prêza, indigno.... miserável !...

ALBERTO—*depondo Guilhermina sobre o sophá—esforçan-  
do-se para escapar-se.*

Larga-me, ou mato-te.... *(Trovão perto).*

ALFONSO—*ameaçando-o com o punhal.*

Ouves o estampido d'aquelle trovão ? Ignoras que o po-  
der de Deos é immenso ?

ALBERTO—*dobrando os esforços.*

Deixai-me..... *(Consegue escapar-se e pondo-se em dis-  
tancia arma uma pistola contra Alfonso).*

ALFONSO—*observando-o immovel.*

Miserável.... assassino !.... *(Cae a pouca distancia o  
fragor do raio e faz Alberto disparar o tiro desviando seu  
braço para o alto).*

ALBERTO.

Oh! (*indo a puxar outra pistola*).

ALFONSO—*aproveitando este incidente agarra-o com força.*

Não conseguirás, infame! (*Fere-o com o punhal.*)

ALBERTO—*cahindo de joelhos.*

Que quereis. Sr.

ALFONSO—*conduzindo-o ao alçapão.*

Livrar a humanidade de um monstro, de ti....

ALBERTO.

Deixai-me, tende misericórdia para mim.

ALFONSO—*em tom solenne.*

Acabas n'este instante de negar piedade á aquella mulher.... Sou n'este momento um enviado de Deus, o raio exterminador que vem esmagar o criminoso!...

ALBERTO.

Perdão, senhor, por quem sois, perdão.

ALFONSO.

Caminha, miseravel parricida.... (*para o alto*). A justiça é um raio brilhante do esplendor do Omnipotente!... (*Descendo com Alberto pelo Alçapão, e fechando-o sobre si*).

FIM DO ACTO QUARTO.



---

## ACTO QUINTO.

### A INDEPENDENCIA NO YPIRANGA

---

O Theatro representa um salão de chacara em S. Paulo, com portas e janellas lateraes, e uma ao fundo que dá ao interior. Uma meza tendo em cima duas cestas, uma cheia de flôres e outra de fructas ;— mobilha do tempo.—E' dia—chacara situada na sahida para Santos.

#### SCENA I.

D. MARIA e FR. IGNACIO.

FR. IGNACIO.

E' isso mana, precisais passeios, divertimentos, tudo aquillo que rocreia e faz esquecer o mal, logo estareis boa e sã, isso é nada. Estamos no melhor tempo do anno, no mez de Setembro: os dias são cálidos e formosos, as flôres desabrochão risonhas e bellas, as arvores florescendo reverdecem, e prestão-nos deliciosa sombra, o chão cobre-se de novo tapete de frescas relvas, tudo é poetico e encantador, nenhuma chaga póde haver que a natureza, com seu balsamo de Setembro não cicatrise. Tendes demais d'isso, a vosso lado esta menina cheia de graça e espirito, que muito vos póde suavisar a vida. Quanto ás saudades de um esposo amado, de um filho quorido, só a resignação e paciencia se lhe póde antepôr, tende esperança, que ainda vos reunireis a elles, como tambem eu

tenho n'uma gloria celeste, na eterna bemaventurança, e convém alentar o animo e não desfalecer tendo já andado talvez mais de metade do caminho. D'este menina, mostrastes força de animo nas adversidades; nos perigos, desanimareis vós com estas provações? Espero que nunca succederá assim. Tendes sido observada sempre, como uma matrona de espirito robusto e virtuoso, esperai talvez pouca coisa mais.

D. MARIA.

Conheço que exforçai-vos para confortar-me, mas é em vão. Onde está esse vigor de espirito, onde essa vivacidade que subtrahia-me aos desgostos? Tudo perdi e não podia deixar de assim acontecer; estas provações porque passo, tem um amargor que excede ás minhas forças; acho-me já muito abatida por esses pesados trabalhos, já não posso inteiramente criar uma esperança. Esperança! é para mim agora uma palavra vã, sem pensamento algum: d'onde posso eu esperar? E' impossivel o que me pedis, a minha unica esperança agora...

FR. IGNACIO.

Qual é?

D. MARIA.

Ah, só a morte. Recebel-a-hei como coroação de meus trabalhos, como um descanso, é sem duvida esse o unico bem para mim na terra, esperando por elle a gloria de Deus. Quanto ao mais, nada tenho a esperar; receiava por esta pobre menina, minha filha, alguma traição de Alberto, mas felizmente por essa parte descançei; não sei que fim teve esse moço tão louco, coitado, desvarios da mocidade, desapareceu da scena do mundo; ha perto de seis annos que o não vejo, bem vêdes que deixou-a entregue a uma pessoa que a saberá amar como sua filha; nada mais prende-me ao mundo, tudo para mim encerrou-se no passado.

FR. IGNACIO.

Mas não, não deveis pensar assim, Deos é Omnipotente; Missionario divino resuscitou a Lasaro depois de tres dias morto. Nós ignoramos os decretos da sabedoria divina, e elles se hão de cumprir, embora nos pareçam impossiveis: o pequeno pastor de hontem é hoje um monarcha de Roma, um Pontifice, um Xisto V; o soldado que ainda hontem não tinha mais que uma capa e uma espada, é ainda hoje o assombro dos reis: Buonaparte, as virgens florestas, o paiz inculto de hontem, é uma colonia hoje, e será amanhã um estado livre e independente, o Brazil... de tudo nos deve restar uma esperanza.... (Pausa) já preciso ir-me; d'aqui ao convento não é tão perto, demais temos muitos afazeres, os interesses de nossa patria andão abalançados, talvez tenhamos breve alguma revolução, Portugal está sanguinario.

D. MARIA.

E' sangue e mais sangue, é já insupportavel; no tempo de hoje não se pôde viver.

FR. IGNACIO.

Isso lá não. Póde não haver muito sangue, o principe regente esteve aqui dez dias, partio ante hontem para Santos e pretende voltar: talvez chegue amanhã ou depois, o elle intervindo n'estes negocios, tudo se fará em paz, o principe está muito inclinado á nossa felicidade, e seria uma gloria que mais bordaria as paginas da nossa historia, da immortal Provincia de S. Paulo, que já não tem tido pouca. Quando cessou o dominio hespanhol com a reclamação de D. João IV em Portugal, em 1641, foi essa acclamação sustentada n'esta capitania pelo memoravel Amador Bueno da Ribeira.

D. MARIA.

Nunca será esquecido entre nós Amador Bueno, natu-

ral da nossa terra tão feliz. E quem é o fundador d'esta capitania, não é o Ramalho?

FR. IGNACIO.

Não. Em 1553 alguns jesuitas dos primeiros que desembarcaram em 1550, mudaram-se para os Campos de Piratininga, não agradaram-se d'esta povoação, passarão então a este outeiro onde é hoje situada a cidade, e aqui derão principio á povoação chamando as Aldéas de Piratininga, cujo chefe era Tibiriçá, e as de Giribativa que pertencião a Cay-Ubi; Mem de Sá então Governador do Brazil, a pedido dos padres jesuitas, extinguiu a villa de Santo André e creou a villa de S. Paulo.

D. MARIA.

Muito tem os jesuitas contribuido para o nosso engrandecimento.

FR. IGNACIO.

Que muito lhes devemos é innegavel, não sei o que seria da nossa provincia, a não ser protegida pelo heroismo d'esses memoraveis jesuitas.

D. MARIA.

E' verdade, os padres Nobrega, e Anchieta; historia essa, que meu pai não cessava de contar-nos, de Tibiriçá contra a invasão dos Tamoyos, e do grande perigo que ameaçava a pequena villa de S. Paulo, quando estes santos padres arriscando suas vidas, contractarão a paz nos campos de Piratininga, depois de muitas perseguições.

FR. IGNACIO.

E pela tão santa doutrina que incessantemente pregão, como pela moral que heroicamente praticão nas bordas do precipicio.

D. MARIA.

Padres, cuja lembrança indelevel, nunca se apagará nos corações dos Paulistas.

FR. IGNACIO.

Muitos milagres fez o padre José Anchieta n'esta cidade.

SCENA II.

OS MESMOS e GUILHERMINA.

GUILHERMINA.

Meu tio está aqui e eu não sabia,—boa tarde. (*Beijando-lhe a manga*).

FR. IGNACIO.

Boa tarde, sobrinha, como estás? parece-me agora que disfarças teus incommodos melhor que a mana.

D. MARIA—*suspirando*.

E Deos nos livre que assim não fosse, está na flôr da idade.

GUILHERMINA.

E' porque não mostro o que soffro; só Deos sabe, e quem não soffrerá?

FR. IGNACIO.

Dizes bem, menina, qual o mortal que ousará dizer que não soffre? mas tudo é nada na mocidade.

D. MARIA.

Se esta menina não ficasse assim como vou deixal-a, é que muito me pezaria, tem soffrido tanto...

FR. IGNACIO.

Coitadinha, deve ter soffrido bem; mas como é robusta nada se traduz no seu semblante, é sempre virtuosa e alegre. Nós velhos, logo ficamos tão abatidos que não prestamos; é a ordem do mundo.

D. MARIA.

Dizeir bem, meu irmão; bem vezes tenho-me arrependido de viver na sociedade, se tivesse quando moça entrado n'um convento, nunca teria padecido tanto, e estaria mais aproximada a Deos.

FR. IGNACIO.

Enganai-vos mana, algumas vezes mais servimos a Deos na sociedade, do que sepultados no esquecimento do claustro; porque quando somos bons christãos, exercemos a caridade, auxiliamos a muitos a carregar sua pesada cruz nas escabrosidades da vida. Tivestes um filho; educal-o moralmente era um grande serviço a Deos e á sociedade, dando-lhe um membro que para o futuro saberia com sua intelligencia moralisal-a, quando fosse como agora em progresso e desenvolvimento a corrupção; reanimar o fervor da humanidade na religião de J. Christo, salvando assim grande parte da sociedade, semelhante ao operador que corta-nos uma parte para suster o progresso da gangrena. Vós, com vossos trabalhos e resignação que tendes, tornais-vos um modelo exemplar, que animará a muitas outras matronas, que saberão imitar-vos. Crêde-me, tendes assim servido mais a Deos do que se esti-esseis esquecida do mundo, em orações na profundidade de um convento seguindo a mysticidade da Eschola d'Alexandria, e aos discipulos de Plotino. Não devemos es-

tár em extasis nem em outros outros gozos, quando podemos prestar utilidade á sociedade; pois para ella nascemos, e para trabalhar. Deos mais aceita os nossos soffrimentos, humildemente aturados, e nossos corações em tribulações, do que multiplicidade de palavras, não quero com isto dizer que as confrarias são más, longe disso, mas é exacto que algumas vezes mais servimos conservando-nos com pureza no foco da corrupção—para gloria de Deos; mais brilha a luz sendo rodeada de trévas O que seria da sociedade se todos os bons della se afastassem para os claustros?

FR. IGNACIO—*chegando á janella.*

Oh.... (*Voltando-se a D. Maria e Guilhermina*) Concedei-me um momento, quero conversar a sós, com um sujeito que lá vai passando.

A-MBAS

Pois não. (*Sahindo—entrando Alfonso envolvido em sua capa.*)

### SCENA III.

CARMELITA e ALFONSO.

ALFONSO.

Meu tio, como ídes vós?

CARMELITA.

Estamos agora bem atrapalhados.

ALFONSO.

Pois em que?

CARMELITA.

Não sabemos o que fazer—achamo-nos vacillantes. O Governo Provisorio que existio até 23 de Maio, não nos era infenso, mas sabeis que pela sedição em 23 de Maio, foi o governo provisorio dissolvido por Sua Alteza.

ALFONSO.

Porém noto, que o povo geralmente, desde o annuncio da proclamação no Rio de Janeiro do systema constitucional, tem mostrado muitas tendencias favoraveis a nós,—e até vistes o movimento popular que manifestou-se no dia 23 de Junho do anno passado. do que resultou um governo provisorio de quinze membros.

CARMELITA.

E' exacto, e demais temos aqui os melhores officiaes para as nossas tropas, homens que farião muita falta fóra d'aqui actualmente; não viste tambem a carta regia do Principe Regente pedindo a este Governo auxilio de tropa, por causa da sublevação da divisão do exercito portuguez no Rio de Janeiro, ao mando do general Jorge de Avilez, no dia 11 de Janeiro d'este anno?

ALFONSO.

Sei, e por signal que mostra o Principe muita inclinação aos Paulistas.

CARMELITA.

Temos ainda no ministerio os nossos distinctos Paulistas José Bonifacio de Andrada e Silva—nomeado a 16 de Janeiro d'este anno, para negocios do reino do Brazil e estrangeiros;—e no dia 4 de Julho para os negocios da fazenda o nosso amigo Martim Francisco. Mas todos vacillamos, não sabemos se levantaremos a voz da liberdade ou devemos esperar alguma deliberação do Principe.



ALFONSO.

Devemos esperar—visto que chega hoje ou amanhã á esta cidade. Eu quero ir convosco até á cidade, vou já adiante esperar-vos.

CARMELITA.

Até logo. *(Indo abrir a porta que dá para o interior).*

SCENA IV.

CARMELITA e GUILHERMINA.

CARMELITA.

Onde esta a mana? já me vou para o convento.

GUILHERMINA.

Foi agora passear no jardim.

CARMELITA.

Pois até amanhã, preciso ir já. *(Sahe).*

GUILHERMINA—*beijando-lhe a manga.*

Até amanhã, meu tio, venha sem falta.

CARMELITA.

Diga á mana que hei de vir.

SCENA V.

GUILHERMINA—SÓ—PENSATIVA.

A' tempo, trabalho por descobrir o mysterio....—A' seis annos que n'uma noite ia-me Alberto roubando; este homem tão máo, depois de ter-me em suas mãos, quasi inanime, deixou-me.... Esta acção nobre e generosa não podia proceder do coração de Alberto; elle era demasiadamente pequeno para produzir acção tão grande.... Dahi em diante ninguem jámais vio Alberto, desapareceu, em vão foi muito procurado. Passámos a habitar esta chacara, nenhuma sombra mais appareceu.... e n'uma tarde, á um anno quando me recolhia d'um pequeno passeio, sendo acommettida por um ladrão, fui logo soccorrida por um homem, cujo rosto estava de tal maneira cuberto que não foi-me possivel distinguir suas feições; e sem dar me tempo ao menos para agradecer tão prevenida benevolencia desapareceu nas selvas.... A' um mez sendo nossa casa em uma noite assaltada por alguns homens armados, o mesmo desconhecido arriscando sua propria vida em nosso auxilio, empenhou-se na luta com um ardor indizivel, e, deixando-nos salvas, envolveu-se na escuridão da noite! Este homem deve habitar d'aqui a alguns passos. por aqui algures que ninguem o vê, e elle sempre observa-nos prestes a soccorrer-nos.

SCENA VI.

GUILHERMINA E SOPHIA.

GUILHERMINA—*a Sophia.*

Vem; que muito preciso de tua companhia agora, Sophia.

SOPHIA.

Que é isso, pareceis chorar? Já não temos assombros; ride-vos agora comigo, lá n'outra casa ficarão os mortos, os vivos devem lembrar-se dos vivos; és mais que feliz, rodeada de pretendentes que vos esperão, oh! se fosse comigo?....

GUILHERMINA.

Que farias?

SOPHIA.

Nem sei....

GUILHERMINA.

Não me falles n'isso, se me amas.

SOPHIA.

Amo-vos demais, não quero que tão bella assim murcheis, minha flôr.... Aqui está, (*indicando a meza*) tudo isto eu trouxe-vos.

GUILHERMINA.

Obrigado, Sophia, colheste para mim?

SOPHIA.

Cousa celebre não colhi e nem sei quem as colheu, achei na porta ao abrila.

GUILHERMINA—*pensativa.*

Então.... vejamos. (*Aproximando-se das cestas—revolve as flôres.*)

SOPHIA.

Pois ainda não viste?

GUILHERMINA.

Não, ah que saudade bonita! (*Tirando uma saudade*).

SOPHIA.

Naturalmente devieis encontrá-la, é preciso não ser humano, para não ter-se saudades no mez de Setembro.

GUILHERMINA—*pensativa*.

Quem será que teve a habilidade?

SOPHIA.

E' o que também desejo saber.

GUILHERMINA.

Não poderemos nós descobri-lo.

SOPHIA.

E' alguma fada que anda por ali sem destino.

GUILHERMINA.

Veio durante a noite... e talvez ainda o nosso desconhecido protector...

SOPHIA.

Não póde ser outro, quem ousará andar por esta solidão, e alta noite? Mas precisamos conhecê-lo....

GUILHERMINA.

Sem elle querer é impossivel.

SOPHIA.

Acho um meio.

GUILHERMINA—*curiosa.*

Qual é?

SOPHIA.

Deixarmos-lhe na porta uma carta, pedindo-lhe que em uma noite determinada venha buscar algumas flores, que ahí lhe deixaremos.

GUILHERMINA.

Sim, e então?

SOPHIA.

Então espreitá-lo-hemos pela janella e poderemos conhecê-lo.

GUILHERMINA.

Já o temos visto e por ventura conhecêmol-o? (*Mudando*). Onde está minha mãe?

SOPHIA.

A Snr.<sup>a</sup> D. Maria foi ao jardim e espera-vos, não que-reis ir?

GUILHERMINA.

Sim, vou.

SOPHIA.

Então vamos. (*Ao sair encontrão D. Maria.*)

SCENA V.

OS MESMOS E D. MARIA.

D. MARIA.

Não quizeste, ir ao jardim, Guilhermina?

GUILHERMINA.

Agora ia-mos.

D. MARIA.

Men irmão já foi?

GUILHERMINA.

Sim, senhora, não quiz demorar-se mais por estar com muita pressa, disse-me que voltará amanhã.

D. MARIA.

Está bom. Como está bella a tarde! dir se-hia que são felizes todos os mortaes: mas não é o tempo quem regula a nossa sorte, o tempo tem forças para reanimar a vida mas não a morte! o tempo está bello e admiravel quando nossos corações se debatem em desespero e afflicção como as fragorosas ondas se debatem encapelladas no oceano.

SCENA VI.

OS MESMOS E SIMÃO.

GUILHERMINA—*a D. Maria.*

Está aqui mestre Simão, quer fallar-vos.

D. MARIA.

Já foste á cidade, mestre Simão?

SIMÃO—*afogado de cansasso.*

Já sim, senhora.

GUILHERMINA.

Vieste muito depressa, estás tão cansado. (*Sophia sahe*).

### SCENA VII.

OS MESMOS MENOS SOPHIA.

SIMÃO.

Sim senhora, lembrei-me um pouco do meu tempo e já não posso correr, estou muito fatigado.

D. MARIA.

Para que fazer excesso, sem necessidade alguma.

SIMÃO.

Não senhora, o negocio é de importancia.

GUILHERMINA.

O que foi então?

SIMÃO.

Vinha de volta da cidade, ali pelo caminho debaixo e avistei o Sr. Fr. Ignacio, que subia o morro com um homem que não pude conhecer, e vi tambem um cavalleiro que vinha a galope para elles, e depois de o caval-

leiro conversar com elles, avistárão-me e o cavalleiro mui apressado entregou-me este bilhete que o Sr. Fr. Ignacio mandou que entregasse-vos. (*Dando um bilhete*).

GUILHERMINA.

Dai-me eu leio (*recebendo*) vejamos o que n'elle contém.

D. MARIA.

Que nova será? lê menina.

GUILHERMINA—*lendo-o*.

« Mana, esperai-me inda hoje, que logo volto, e tenho a dar-vos uma boa noticia..... »

*Fr. Ignacio. »*

D. MARIA.

Uma boa noticia?!... é um engano! jámais posso esperar uma boa noticia.

GUILHERMINA.

Logo volta a dar-nos uma boa noticia!

D. MARIA.

Quem sabe se vem já, vê na janella.

GUILHERMINA—*chegando á janella*.

Ainda não, minha mãe.

SIMÃO.

Então não ha de tardar.

D. MARIA—*a este*.

Vai esperal-o ao portão.

SIMÃO—*indo*.

Sim, senhora.



SCENA VIII.

OS MESMOS MENOS SIMÃO.

D. MARIA.

Que boa noticia poderá ser ?

GUILHERMINA—*á parte.*

Sem duvida tem relações com o desconhecido, que nos trouxe as flôres....

D. MARIA—*indo á janella.*

Oh ! o que é aquillo, Guilhermina ? será minha vista ?

GUILHERMINA.

Vejo uma nuvem de pó....

D. MARIA.

Serão alguns cavalleiros.

GUILHERMINA.

Justamente, lá apparecêrão elles, vêde, são quatro.

D. MARIA.

Quatro cavalleiros ?

GUILHERMINA.

Vem a galope e dirigem-se para aqui.

D. MARIA.

Para aqui ? ! O que terão elles comnosco ?

GUILHERMINA.

Inda vem mais, vêde que poeira levanta-se lá no alto

D. MARIA.

O que virão fazer ? quem sabe se alguns revoltosos ?....

GUILHERMINA.

Os quatro primeiros rodearão, lá fôrão sahir ao portão.

D. MARIA.

Sem duvida vem para aqui.

GUILHERMINA.

Oh ! vem ali perto meu tio.

D. MARIA.

Meu irmão ! vem dizer-nos tudo.

GUILHERMINA.

Apparecêrão mais cavalleiros... no alto do morro, que tanta gente ! uma linha inteira de homens... mais outra ainda vem outra... parece um esquadrão de officiaes, ó alguma revolução !.

VÓZ FÓRA.

Onde está a mana ?

D. MARIA.

E' meu irmão que está ahi (*indo a encontrat-o*).

SCENA IX.

OS MESMOS, SIMÃO, E FR. IGNACIO.

SIMÃO.

Está aqui o Sr. Fr. Ignacio.

FR. IGNACIO, *entrando*.

Então mana estaes assustada ?

GUILHERMINA.

Meu tio....

D. MARIA.

Que novidade é esta ?

FR. IGNACIO.

Nada é, escutáe o que vou contar-vos:—talvez Deos se compadecesse de vossas lagrimas e de nós.

D. MARIA E GUILHERMINA.

O que é então ?

FR. IGNACIO.

Ouvi-me com socgo — o que vou narrar-vos:—Indo eu d'aqui encontrei um conhecido procurando-me para um negocio, e pelo caminho contou-me que constava-lhe ter chegado á cidade um homem, que diz ser natural d'aqui, e que á seis annos mais ou menos sahio a uma viagem a Portugal, e tendo em caminho havido uma grande tempestade, que abrindo um abysmo por entre as ondas sossobrou o navio em que ia.

GUILHERMINA.

E como salvou-se ?

FR. IGNACIO.

Ouvi-me. Tendo elle e dois companheiros procurado nadar dérão ao acaso com uma ilha próxima, que não puderão antes avistar pela escuridão da noite; ahí vivêrão entre alguns indigenas durante o espaço de seis annos, tendo sido considerados mortos por suas familias.

D. MARIA.

Há seis annos.... meu Deos !....

FR. IGNACIO.

Não vos assusteis. E tendo elles sahido a passear na praia em uma jangada, conseguíráo finalmente ser vistos por uma embarcação que perto passava, onde os passageiros os acolhêrão e com elles abordárão á terra de Santa Cruz.

D. MARIA.

E está na cidade esse homem ?

FR. IGNACIO.

Disse-vos uma boa noticia, porque, a ser isto verdade, não póde ser senão meu irmão.

D. MARIA.

O meu marido inda não morreu ? !...

GUILHERMINA.

Meu pai inda será vivo ?

GUILHERMINA.

E tambem póde ser falsa a noticia.

D. MARIA.

Não ! Meu coração diz que ó verdade....

GUILHERMINA.

E que tantos cavalleiros são aquelles que ahi vem ?

FR. IGNACIO.

Aquelles ?

D. MARIA.

Sim.

FR. IGNACIO.

São os que commandão as tropas dos revoltosos....

D. MARIA.

E que vem elles fazer aqui ?

FR. IGNACIO.

Deixai-me um pouco, que já respondo-vos. (*Sahindo ou-  
ve-se ao longe um susurro de povo*).

## SCENA X.

OS MESMOS, SOPHIA, E UM DESCONHECIDO ENVOLVIDO N'UMA  
CAPA, MENOS FR. IGNACIO.

SOPHIA—*assustada*.

O que será tudo isto ?

GUILHERMINA.

O meu Salvador ?!

D. MARIA—*ao descouhecido.*

Quem sois vós, Sr. ?

DESCONHECIDO.

Um mortal cujo coração definha de dia em dia, emurchecido de amor e saudade de uma mãe e uma esposa.

D. MARIA E GUILHERMINA.

E uma esposa ?!

DESCONHECIDO.

Sim, morto para o mundo.... Seis annos encerrado n'um tenebroso subterraneo durante a noite, e vagando de dia solitario por desertas e sombria florestas. (*Com enthusiasmo*) Esperando um dia como hoje para emprehender-mos, com as armas na mão, a ventura nossa e da patria, sob a tutela do anjo salvador, que enviado pela bondade divina nos vem lavar o ferrete da ignominia, os traços da miseria e tormentos estampados na fronte nobre e magestosa dos Brasileiros. Tenhão-nos arrancado embora todo o nosso oiro e nossos bens, corra o nosso sangue, mas seja-nos restituída a liberdade por tanto tempo suspirada !.. (*O susurro do povo cada vez mais se aproxima*).

SIMÃO.

E o que quereis nesta casa ?

DESCONHECIDO.

O que eu quero ?

TODOS.

Sim.

DESCONHECIDO.

*(Para o céu). Meu Deus, dêste-me enfim o momento desejado! (Lançando para um lado a capa aparece armado de espada & cinta &c., á todos). Sou Alfonso de Moura! (Segue-se um momento de assombro).*

D. MARIA. E GUILHERMINA.

Será possível?

SOPHIA.

E' um sonho!

SIMÃO.

Meu Deus!

ALFONSO.

Minha mãe! adorada Guilhermina! *(Abraçando-as).*

D. MARIA.

Meu filho!

GUILHERMINA.

Meu Alfonso!

VÓZ FÓRA.

As armas, ás armas, combatamos pela patria.

ALFONSO.

Oh! chamão-me—é hora, corramos....



D. MARIA E GUILHERMINA.

Para onde ?

SCENA XI.

OS MESMOS, GONÇALO E ALGUNS OFFICIAES DO EXERCITO.

(Rápido).

GONÇALO—já velho.

Não conheceis a Gonçalo de Moura ?

ALFONSO E GUILHERMINA.

Meu pai ? !.....

D. MARIA—em explosão.

Meu Gonçalo ? !.....

GONÇALO DE MOURA—com lagrimas.

(Abraçando-os). Momentos tão doces que arrancão ao coração mirrado de dôr, aos olhos mais seccos uma lagrima de prazer !... Maria.... meus filhos queridos... se de pezar não morremos, devemos á nossa doce e Santa Religião ! Seremos todos felizes....

SIMÃO—ajoelhando.

Ambos.... que ventura ! na terra cordou Deos as suas virtudes !

GONÇALO á Alfonso.

Avante meu filho, morramos pela patria ! corramos a seu brado !



SCENA XII.

OS MESMOS E ALBERTO.

*(Com espanto de todos entra Alberto magro e pálido cahindo aos pés de Alfonso).*

ALBERTO.

Perdão !... Também quero morrer pela patria !

TODOS.

Um desconhecido !

ALFONSO—*levantando-o.*

Misericordia ao traidor !

POVO FÓRA.

Morrão os tyrannos.... Viva a Independencia do Brazil!  
Viva !... *(Será seguido do hymno da Independencia).*

ALFONSO.

Escutemos !....

SCENA XIII.

OS MESMOS E FR. IGNACIO.

FR. IGNACIO.

Meus amigos, faz-se desnecessaria a revolução, estão quebradas as cadeias da tyrannia, e acompanhemos exultantes de gloria ao Augusto Principe D. Pedro, que proclamou nos campos do Ypiranga a nossa liberdade :—*(Um brado).* Independencia ou morte !

TONOS—*Alfonso e officiaes desembainhando espadas.*  
Independencia ou morte !

POVOS!

Viva a Independencia do Brazil ! Viva !

*(Cabe o panno).*

FIM.